



Grav. de J. B. de ...

Grav. de J. B. de ...

OMER PACHA

Commandante Em Chefe do Exercito ottomano.

ILLUSTRAÇÕES CONTEMPORANEAS.

OMER-PACHÁ,

COMMANDANTE EM CHEFE DO EXERCITO TURCO.



esta, talvez, a occasião menos propria para se escrever a biographia d'este celebre personagem. Em vespera de ir ser julgado no unico tribunal competente, para se avaliar o merecimento dos generaes, que é o campo de batalha, tudo quanto hoje se dissesse a seu respeito, pôde amanhã ser desmentido pelos factos.

Favorecido extremamente pela opinião publica na Europa, que parte por sympathia, parte por interesse proprio, se tem pronunciado abertamente pela causa da Turquia, Omer-Pachá passa por um general consumado, sem ter dado ainda uma unica acção! Os fóros, que os outros não chegam a adquirir em largos annos de trabalhos e perigos, e dando provas evidentes de aptidão para o commando em todas as suas diversas e complicadas especialidades. Omer-Pachá ganhou-o desde que a sorte o collocou, de certo, á falta de homens mais competentes, á frente de todo o exercito do Sultão, e não dizemos isto com o animo de lhe irrogar a minima censura, mas porque effectivamente entendemos, que deve estar bem pobre de generaes a nação que entrega o commando em chefe do seu exercito a um estrangeiro, que nem no seu primitivo paiz, nem n'aquelle que adoptou, teve nunca occasião de ganhar, ou ao menos dirigir uma batalha, se quer. Não obstante Omer-Pachá ser hoje ainda um problema, militarmente considerado, a justiça nos leva a dizer, que alguns factos abonam agora mais a sua capacidade do que n'essas occasiões em que a opinião publica exaggerada, o collocava acima de todos os generaes presentes, passados e futuros.

Os exercitos alliados estiveram em franca

comunicaçãõ com o exercito turco; se os generaes francez e inglez não reconhecessem merito e capacidade especial no seu commandante em chefe, com quem tiveram largas conferencias, de certo teriam influido para a sua demissão, e se não resignariam a servir com elle.

Demais, o exercito turco do Danubio, é o unico, que melhor se tem conservado em frente do inimigo; são bem sabidos os revezes continuos que os turcos têm experimentado na fronteira da Azia, e o comportamento que tiveram no dia 25 de outubro em Balaklava, quando pelo contrario o exercito do Danubio tem a seu favor alguns recontros vantajosos com os russos, e o cêrco de Silistria, operaçãõ já importante na guerra actual.

Seja como for, nós, humildes biographos, apresentaremos simplesmente os factos, o publico que os julgue e moralise conforme entender.

No dia 6 de março de 1806 (e outros dizem de 1804) nasceu na aldêa de Pelaski, nos confins da Croacia, um menino debil e doente, que um *pope*, chamado a toda a pressa, a casa dos paes, baptisava segundo o rito grego, immergindo-o n'um grande vaso d'agua fria, e a quem punha o nome de Miguel; este menino, que assim abria os olhos no seio d'aquella religiãõ, tinha de ser o seu maior inimigo, quando mudasse este nome de Miguel pelo de Omer. Seu pae, Pedro Lattas, era tenente de um dos corpos denominados na Austria, de *fronteira*, especie de colonias militares, imitadas dos romanos, em que os soldados e officiaes juntam á industria agricola, a profissãõ militar, do que resulta não serem bons militares, nem bons lavradores.

Parece que Pedro Lattas, que devia as suas dragonas á revolução franceza, ou para melhor dizer, ao dominio do imperador Napoleão n'algumas das provincias austriacas do Adriatico, não era muito apaixonado do seu paiz, que o havia como desterrado para os confins do imperio, e n'essas mesmas idéas creou seus filhos, a quem não deixou quando morreu, em 1826, outra alguma herança mais, do que um odio inveterado á casa d'Áustria, e as suas sympathias pronunciadas pela republica franceza, e pela gloria militar do imperio.

Em a idade de oito annos, uma crise favoravel se operou no estado phisico do joven Miguel; começou então a desenvolver-se e tornar-se mais sadio, tanto que seus paes conceberam esperanças, que elle continuasse a viver, e mandaram-o á escola em Plaski, onde aprendeu a lèr, escrever, e os primeiros elementos da geographia, arithmetica, etc., e d'onde passou aos doze annos para o gymnasio militar de Thurn, perto de Carlstad na Croacia, para acabar alli a sua educação.

Quando esta findou, e se tractou de escolher uma profissão, Miguel Lattas, o adolescente, ainda fraco e pouco robusto, que até aos oito annos hesitára entre a vida e a morte, pronunciou-se energeticamente pela vida militar, e não obstante todas as observações de seus paes e amigos, sentou praça de voluntario no regimento d'Ogulin, d'onde pouco tempo depois, passou pelos seus conhecimentos especiaes para a repartição das obras militares. O coronel Caetano Vinezich, official de grande merecimento, era então o director d'este estabelecimento; notando a muita habilitade do joven empregado, o chamou para o seu gabinete, levando-o consigo nas differentes inspecções, que era chamado a fazer á Dalmacia e ás outras provincias do imperio, chegando a tanto a sua afeição, que lhe obteve o logar de sub-inspector de pontes e calçadas em Zara, tendo então apenas vinte annos.

As idéas de liberalismo, que mais ou menos surdamente agitavam por esta occasião a Austria, como quasi sempre o tem feito, excitaram particularmente o novo sub-inspector das pontes e calçadas, que começou a tractar de politica, e abandonar o seu emprêgo. As sociedades que frequentava, eram exclusivamente a de alguns moços estouvados, cabeças ardentes e vulcanicas, que sonhavam com republicas, confederações, e todos os excessos da demagogia. Succedeu que a mãe de Miguel Lattas, que elle amava com um excesso tanto mais natural, quanto era certo que duas

vezes lhe devia a vida, morreu por essa occasião.

Entregue simplesmente ás suas idéas, notado pelo governo em consequencia das suas perigosas opiniões politicas, sem ver um futuro proporcionado á sua vasta intelligencia, e de mais instigado pelo odio particular aos austriacos que seu pae lhe havia transmittido, Miguel Lattas resolveu abandonar o seu paiz, e procurar fortuna por outra parte; prendia-o apenas o reconhecimento ao seu bemfeitor, o coronel Vinezick a quem não tinha animo de confiar as suas intenções; sendo porém este official chamado pelo governo a Vienna, Miguel aproveitou a sua ausencia e deixando o serviço da Austria marchou para a Turquia, por ser o paiz visinho que lhe offerecia mais probabilidades de fortuna, e unico talvez, que podia tornar possiveis aquelles seus sonhos de rapido engrandecimento que o tinham arrastado a expatriar-se.

Munido do competente passaporte e de alguns sequins, o joven sub-inspector deixou a Austria, e entrou no imperio turco por uma aldeia chamada *Omer-Unaz* d'onde dizem que lhe proviera o seu nome, quando renegou e teve de abandonar o do seu primitivo baptismo.

Diz-se, e não sabemos com que fundamento, que o joven emigrado não foi mui feliz n'esta sua primeira digressão pelo imperio turco, falla-se até n'uma aventura inteiramente do genero romantico que por inverosimil julgâmos devida a tendencia do espirito francez para este genero de historias.

Segundo *este romance*, o joven Miguel encontrado por uns carreiros na estrada de Zara para a Hersegowine, fô a por elles transportado para uma estalagem, e tendo ahí conseguido embriagal-o, lhe haviam roubado o dinheiro e o fato, deitando-o n'um fosso da estrada, d'onde de madrugada o retirou um pobre turco que ia para o seu trabalho, e que reconhecendo que elle estava vivo, fleugmaticamente o pozera ás costas e o entregára na sua choupana aos cuidados de sua mulher.

Soccorrido por estes dois honrados aldeões e completamente restabelecido d'aquella especie de incommodo, que menos parece que se devia receiar no imperio turco, vista a observancia das leis de Mahomet, Miguel Lattas seguiu n'uma bella madrugada de 1829 o seu caminho pelas montanhas para Benjalouka.

Devemos dizer que o *romance* não se esquece de accrescentar que dois annos depois os pobres aldeões que recolheram aquelle cer-

to passageiro que não dava mostras de grande sobriedade, receberam um presente que os collocava n'uma posição independente, firmando-os assim cada vez mais nos seus antigos e invariaveis principios de caridade, proverbial entre os musulmanos.

O *romance* persegue ainda, mas já com mais verosimilhança, o emigrado austriaco, na povoação de Benjalouka. Privado de bens da fortuna, e por isso mal recebido d'aquellas pessoas com quem contava n'esta terra, Miguel Lattas, entrou para guarda-livros d'um velho commerciante, por nome Hassan, que negociava em sal.

O mancebo que sonhava as maiores ambições e grandezas; aquella alma que em Zara parecia não caber na estreita esphera que a sua posição lhe circumscrevêra, estava inteiramente á vontade nos estreitos limites d'uma loja de sal, e parecia não elevar as suas ambições além da porta caruachosa do velho Hassan; a chave do enigma é facil de obter. Nejema, a filha unica de seu patrão, havia voltado do collegio no Bucharest; com dez-oito annos de idade, com uma educação desvellada e cuidadosa, e com uma formusura d'encantar, foi o sufficiente para fazer uma impressão rapida, como era de suppor, no animo do nosso croata.

Aos vinte e quatro annos o amor ainda sobrelava no coração do homem a todas as outras paixões; Miguel Lattas vencido pelos olhos negros de Nejema, se não fiou na roca como o Hercules mythologico aos pés d'aquella nova Omphale, mediu ao menos muita quarta de sal, e fez muita *factura de commercio*, e muita *conta de deve, e hade haver*, para se conservar ao pé d'ella.

Depois do *romance* segue o *drama*, Hassan chama inopinadamente o seu caixeiro, e offerece-lhe sem mais preambulos o fixar-se para sempre em sua casa, e casar com sua filha, com tanto que se quizesse fazer musulmano; Miguel hesita; e começa no seu coração essas luctas impreteriveis e altamente dramaticas do amor com a religião. As lagrimas de Nejema venceram no animo do joven amoroso todos os escrupulos e as repugnancias inherentes ao acto que o homem menos pôde desculpar aos seus proprios olhos e aos dos outros, — a abjuração das suas crencas; ce-deu, e com todas as formalidades do costume abjurou o christianismo, mudando então o seu primitivo nome de Miguel pelo de Omer.

A Providencia, como para o castigar, parece que quiz baldar o seu sacrificio: Nejema foi victima de uma epidemia que assolou

a villa de Benjalouka antes que houvesse per-tencido ao seu Omer.

Hassan, como se estivesse ligado a este mundo pela simples existencia de sua filha, morreu poucos dias depois.

A morte de Nejema despertou no coração do joven Omer todas as suas vocações e tendencias antigas, reconheceu que não era chamado para negociante de sal, e lancou-se outra vez no campo das aventuras, não obstante o mal que por ellas havia começado.

Fallava-se então muito na Turquia em o celebre Hussein, que de simples moço de recados, se havia elevado ao posto de Agá dos Janisaros, a gran-vizir, e á confidente das reformas do sultão Mahmoud, tanto que a sua recente nomeação ao governo de Widin, podia ser considerada como um verdadeiro castigo; foi a este homem extraordinario que Omer resolveu dirigir-se para tentar fortuna.

Fiava-se além d'outros meios, na sua bella apparencia, pois que as suas condições physicas haviam melhorado extremamente, e no seu modo especial de apresentação a que os turcos dão em geral una grande importancia.

Dizem que um par de lavas offerecido por Omer a Hussein, que ainda não conhecia o seu uso, nem as suas vantagens especiaes lhe attrahira as sympathias d'este homem celebre, que o elevou a seu ajudante de campo. Por morte d'este Pachá, Omer veio para Constantinopla; a circumstancia de se estar organizando o exercito turco, lhe dava esperanças de poder ser admittido em os novos quadros; foram, porém, baldados por muito tempo os seus esforços n'este sentido.

Protecções especiaes, a que dizem não fôra estranha a influencia, de uma das primeiras *bellezas* de Constantinopla, fizeram que elle fosse chamado para as ordens do coronel prussiano Kinke, encarregado pelo sultão de organizar a sua artilheria, tendo porém simplesmente o soldo de major, e não a patente.

Foi no estado-maior d'este official, que Omer utilizando os seus antigos estudos, completou a sua educação militar.

Empregado como interprete instructor, em varias operações do recrutamento, na organização e instrucção dos novos regimentos, e em varias commissões militares nas provincias, se não avançou rapidamente no caminho das promoções, ao menos ganhou conhecimentos especiaes que lhe tem sido ultimamente muito uteis, e que o tornaram necessario.

Quando o contingente russo veio á Turquia por occasião da guerra com o Egypto o

general que o commandava offereceu a Omer o propol-o para o posto de major effectivo no exercito russo; não quiz acceitar; este facto começou a tornal-o popular na Turquia, e deram-lhe então e effectividade do posto de major de que só gozava o soldo, como dissemos.

Despachado tenente coronel em 1840 por occasião do novo reinado de Abdul-Medjid, foi promovido a coronel em 1841 e no anno seguinte a brigadeiro.

O titulo de pachá foi-lhe conferido por occasião do seu casamento com uma irmã de Fuad-Effendi, filha de uma senhora que gozava de grande influencia junto da sultana valida.

Este casamento não foi feliz, pois que passados alguns mezes os dois esposos consentiram em um mutuo divorcio.

Em 1852, Omer-Pachá foi nomeado commandante em chefe dos exercitos do sultão nas fronteiras do Danubio.

Eis agora como se exprime a seu respeito um auctor contemporaneo de grande merecimento.

« Todos concordam em reconhecer em Omer-Pachá muitos dos dons caracteristicos do verdadeiro general. Estima os soldados e sabe fazer-se estimado d'elles, não obstante tractal-os com uma severidade que chega ás vezes á aspereza. A sua sollicitude pelas commodidades da tropa que commanda, é tão previdente, como incansavel. Pussue o segredo d'essas expressões felizes e repentinas que commovem profundamente a alma de todo um exercito.

D'uma estatura bastante elevada, e notavel pela sua boa apparencia militar, Omer-Pachá préza muito os bellos uniformes e as condecorações; toma com facilidade modos theatraes; mas não obstante isto seus prazeres são simples, e as suas tendencias demo-

craticas. Em não estando á frente de seus exercitos prescinde de todo o luxo de vestuario e vae fazer as suas visitas sem acompanhamento algum, e mesmo até sem um unico criado; mas á frente do exercito não só desenvolve um grande luxo militar, mas pronuncia palavras de natureza tal, que por vezes degeneram em basofia.

Tendo-se-lhe feito notar esta circumstancia, Omer-Pachá respondeu: — tenho no meu coração a confiança de cumprir aquillo que digo, e como é necessario que os meus soldados a tenham tambem, *mando ás vezes passeiar a modestia por conveniencia publica.* »

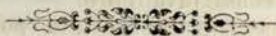
Hoje nota-se a repugnancia que Omer-Pachá tem mostrado em marchar para a Criméa, e ha muito quem acredite que no auge a que o tem elevado a opinião publica na Europa, Omer-Pachá conhece *que na Criméa teria muito pouco a ganhar contra muitissimo que perder.*

Physicamente considerado, Omer-Pachá é alto, tem boa figura militar, um *fez* ou barrete á turca, que costuma usar, mostra vantajosamente as linhas pronunciadas, e os contornos do seu rosto franco e resolute, hoje queimado pelo sol, e pelas asperezas do tempo, a que o expõe a sua vida de soldado. A côr morena do seu semblante contrasta n'elle perfeitamente, com a côr quasi branca das suissas e bigode.

Os beiços delgados, e quasi sempre contrahidos, inculcam muita firmeza.

A vista penetrante e expressiva indica intelligencia e talento; ha quem diga até, que o seu olhar chega a revelar esse dom superior mesmo ao talento, e tão raro no homem, — o genio.

A Criméa decidirá se a paixão influe n'esta apreciação do primeiro general dos turcos.



ALEXANDRE MAUROCORDATO.

(Continuado de pag. 256 do 8.º n.º)

Três dias depois, o brigue para cuja compra e carga, Maurocordato tinha contribuído com toda a sua fortuna pessoal, apparelhava, depois do bispo grego Maximo Mazloum, ter celebrado o officio a bordo, e deitado a sua bênção à equipagem, ao navio, e aos passageiros. A saída do porto, a bandeira russa que o tinha protegido até então, foi substituída pela bandeira da independencia, que foi saudada por 12 tiros de peça, aos gritos de —Viva a liberdade.—

A 3 d'agosto seguinte, Maurocordato e seus companheiros desembarcavam em Missolonghi, seis semanas depois da chegada ao Peloponeso de Demetrio Hyprilantis.

Não seguiremos Maurocordato nas diferentes peripecias d'esta lucta, de que ficou a personificação mais brilhante e mais pura, e a cuja frente se conservou sempre, quer como general, quer como politico e administrador.

Foi elle que, por occasião de se convocar a assembléa nacional do Epidauró, assignou, na qualidade de presidente do conselho executivo, a famosa proclamação, que é um dos documentos mais notaveis d'esta epocha (1.º de janeiro de 1822). Duas semanas antes tinha sido promulgada a constituição, que regulava o modo de organizar, provisoriamente, a Grecia.

No mez de julho do mesmo anno, voltando da missão extraordinaria que tinha desempenhado na Grecia continental, encontrou-se pela primeira vez em Missolonghi com lord Byron. A estima que este ultimo consagrava aos talentos e caracter de Maurocordato, tinha precedido alguns mezes este encontro. Maurocordato, tendo resignado generosamente o poder em presença da facção de Colocotroni, para não dividir as forças nascentes da Grecia, Byron, que se achava então em Cephalonia, tinha offerecido 20.000 talaris para as urgencias da esquadra, com a condição de que Maurocordato tomasse novamente a direcção dos negocios em a Grecia continental.

A amizade que os uniu desde este momento, durou até à morte do illustre poeta, que

veio a fallecer pouco menos de um anno depois, nos braços do seu amigo.

Terminada a heroica defeza de Sphacteria (1825), Maurocordato se retirou à vida privada, ficando, contudo, o intermediario de alguma maneira obrigado, das diversas relações, que o governo conservava com os governos estrangeiros, e almirantes das esquadras, que cruzavam ao longo das costas.

Maurocordato não teve parte alguma em a nomeação do conde Capo d'Istrias, todavia ajudou-o utilmente accetando uma missão importante à ilha de Candia, e organizando de accordo com o sabio Toumbagis, a esquadra que contava n'esta epocha com velas em effectivo serviço. Durante a menoridade do rei Othon, e sob a regencia bavara, Maurocordato, depois de uma breve demora no ministerio da fazenda e na presidencia do conselho, foi encarregado da legação de Munich e depois da de Londres.

Chamado de novo em 1840 para compôr um ministerio (8 de julho), expoz ao rei a necessidade de afastar os estrangeiros que occupavam quasi todos os empregos, de fixar e estabelecer, definitivamente, as instituições politicas do paiz, de introduzir certas reformas na administração, e finalmente dar à Grecia algumas garantias de liberdade.

Não tendo podido conseguir que o rei accedesse ao seu programma, deu a sua demissão.

Uma immensa popularidade o seguiu ao retiro.

Estava pobre, tendo consagrado toda a sua fortuna à grande obra da emancipação do seu paiz.

O poder que tantos annos gozou não o enriqueceu. O governo lhe mandou offerecer uma pensão de 7:200 drachas em recompensa de seus antigos serviços.

A sua recusa fundada no escrupulo que tinha de ser pesado ao seu paiz, quando lhe não era permittido prestar-lhe serviços alguns, lhe deu novos direitos à estima de seus concidadãos.

Dois annos depois, rebentou a revolução de 13 de setembro de 1843, que obrigou o rei a convocar uma assemblea para fazer uma constituição; Maurocordato era então o encarregado de negocios em Constantinopla. Chamado immediatamente a Athenas, eleito representante de Miesolonghi, presidiu durante seis mezes com um talento e uma habilitade notaveis a esta assemblea, a mais agitada de quantas tem tido a Grecia.

Depois da promulgação do novo codigo constitucional, acceitou o poder com bastante pesar (ministerio de 24 de março de 1844). Com effeito, bem depressa as minorias vencidas no seio da assemblea, se reuniram contra o governo e lhe fizeram uma opposição furiosa. Maurocordato poderia triumphar d'ellas mas precisava para isto duas condições que lhe faltavam; primeiro, o concurso leal do rei que não gostava d'elle, segundo, a firme vontade da sua parte de se conservar no poder ainda que para isso fosse necessario correr o sangue: não o querendo por este preço, resignou-o, e tomou o seu lugar na camara, onde tinha sido chamado pelo voto de cinco collegios eleitoraes.

A verificação dos poderes ainda não estava acabada. A camara dominada pelas facções, annulou quarenta e cinco diplomas.

Maurocordato, com o maior numero dos seus amigos politicos, se viu excluido da legislatura.

Desde este momento e posto que fóra da camara, tornou-se o chefe da opposição, e sustentou contra o systema dos Collettis, uma lueta encarnicada, que continuou ainda depois da morte prematura d'este homem d'estado.

Depois da revolução de fevereiro, temendo uma reacção demagógica, Maurocordato, sectario firme dos principios conservadores, deixou o seu lugar de chefe da opposição constitucional, sem que por isso prestasse o seu apoio ao governo; acceitou comtudo em 1850 a legação de Paris, sem que por isso modificasse a sua politica quanto ao interior.

E n'esta situação que os graves acontecimentos de que a Grecia acaba de ser o theatro e que produziram a occupação provisoria do Pireu, vieram encontrar Alexandre Maurocordato. Chamando o ministro decahido para o collocar á frente dos seus conselhos, o rei Othon mostra a sua firme tenção de se acautelar d'ora para o futuro contra perigosas seduccões, adoptando ao mesmo tempo uma politica mais insuspeita e mais verdadeiramente nacional.

LITTERATURA

O PEQUENO JOAS

HISTORIA SOBRENATURAL

(Continuado de pag. 261 do 8.º n.º)

VI.

No grande dia em que Pierrot e Angelica deviam casar-se, todos os sinos começaram a repicar desde pela manhã para annunciar aquella solemnidade. As horas da missa toda a aldeia tinha um ar de festa, por

que todos os habitantes sabiam de suas casas, enfeitados com os seus melhores vestidos. — Nem sequer havia pobres, porque o senhor Surin tinha feito as cousas á grande, e distribuido a cada um o que lhe era preciso para ter a sua parte na alegria commum.

Quando os noivos chegaram, houve um borburinho geral de admiracão, não só por

causa do modo porque vinham vestidos, mas também pela sua formosura, porque, nos últimos tempos, ambos, com o excellente medico, que se chama ventura, haviam respirado a frescura e a graça da mocidade. Todos concordaram que nunca se tinha visto um par mais bonito diante do altar.

O sr. padre cura fez um bello discurso que commoveu os assistentes a ponto de os fazer chorar; mas, como sempre, e sem que o bom pastor tivesse nunca ciúmes d'isso, os cantos do pequeno Joas deviam fazê-lo esquecer; foram então n'este dia d'uma tal perfeição, especialmente no ultimo trecho, que era um AGNUS DEI, que o tio Surin não pde suste-se; saltou ao pequeno, e abraçou-o exclamando:

— És um verdadeiro cherubim!

Depois disse baixinho ás pessoas que o rodeavam:

— Peço perdão ao sr. padre cura, mas não se canta melhor no ceu, é impossivel! — Ha então uma coisa que me confunde, uma bella voz é um dom da natureza; mas saber uma creança cantar, quasi sem o ter aprendido, como ninguem o poderia fazer depois de quinze annos de estudo, com uma pureza, uma suavidade, uma perfeição, enfim, a que ninguem chegou ainda... é um milagre! um verdadeiro milagre!

Havia depois da missa um grande jantar em casa do sr. Surin, que devia levar primeiro consigo os noivos e o pae de Pierrot, para depois voltar a carroagem a buscar o sr. padre cura, sua irmã e Joas.

O cura, que sabia isto, foi muito depressa despir-se para a sachristia; ficou admirado de não vêr lá Joas; mas suppóz que estaria no presbyterio a preparar-se. Quando alli chegou disse a sua irmã:

— Joas está cá?

— Não está, respondeu Geneveva, ainda o não tornei a vêr.

— Talvez se engane; veja se o chama.

Chamou-se, e nada de resposta.

— Vá vêr ao jardim, disse o cura.

Geneveva sahíu, e voltou d'ahi a um instante, dizendo, que o não tinha achado.

— Querem então vêr que ficou na sachristia! Mas elle sabe que devemos partir!

O cura e sua irmã foram á sachristia, não viram ninguem; chamaram por elle na igreja, procuraram por toda a parte, mas inutilmente.

Foram também a casa de Pierrot; é escusado dizer que Joas não estava lá.

Vollaram ao presbyterio, e viram que todo o fato de Joas estava no seu quarto, e que por

consequencia, não tinha tornado a casa depois da missa.

Então, com uma inquietação cada vez maior, procuraram de novo na igreja, e depois correram a aldêa, perguntando, de porta em porta, se não tinham visto Joas.

Esta visita, por toda a parte infructuosa, consternou os habitantes. Todos sahiam para ajudar o sr. cura e sua irmã nas suas pesquisas, e fez-se, para assim dizer, uma busca geral na aldêa e nos arredores. Chegaram até a casa do sr. Surin; mas como é que se havia de suppôr, que Joas tivesse ido para lá com os seus habitos de menino do côro? Nem lá estava, nem ninguem o esperava allí.

A boa Geneveva chorava a bom chorar.

Finalmente, o cura voltou á igreja, mandou chamar todos os meninos do côro, e disse-lhes:

— Joas não veiu despir-se á sachristia como os meninos fizeram?

— Não, senhor.

— Onde é que o viram pela ultima vez?

— Eu, disse um d'elles, vi-o ao pé do órgão, quando o sr. Surin o abraçou.

— Sim; mas depois d'isso, disse outro, quando se acabou a missa, foi elle pôr-se de joelhos por traz do altar, e...

O menino hesitava.

— E que?... disse o cura.

— Pareceu-me vêr-lhe por cima da cabeça uma chammasinha azul.

— Não, disse um terceiro, não era azul.

Tambem eu a vi então, era como uma luz que lhe cercava a cabeça... como aquella que está no quadro do côro, sobre o S. João Baptista.

O cura pôz as mãos, e levantou os olhos para o ceu...

— E depois? disse elle:

— Depois nós viemos para a sachristia, mas elle não veiu connosco.

— E quando sahiram?...

— Quando sahiramos já elle não estava por traz do altar..., e depois não o tornámos mais a vêr.

O sr. cura mandou os meninos do côro embora. Quando ficou só exclamou:

— Meu Deus! Então não me tinha eu enganado!...

Depois fez uma longa oração, e voltou para casa.

Apenas a irmã o avistou:

— Então? disse ella na maior anciedade.

— Não o tornaremos mais a vêr! disse gravemente o cura.

— Como? Não o tornamos a vêr! disse Geneveva a chorar. Meu pequeno Joas!.....

Meu rico menino!.... Mas, não, não, elle não podia perder-se!.... É impossivel!

— Não o tornámos mais a vêr, disse o cura; venha commigo.

E fez com que a irmã entrasse para a carroagem, que devia conduzil-os a casa do tio Surin.

Pelo caminho deixou que a pobre mulher desabafasse, chorando e soluçando, e conservou-se calado.

Logo que o cura e sua irmã chegaram á sala onde estavam todos reunidos:

— E Joas? onde está Joas? foi a pergunta geral.

— Joas não está commosco, respondeu o cura.

— Mas então onde está? onde está? exclamou Pierrot.

— Está.... disse o cura, voltou para d'onde veio.

— Como?! Que dizer com isso?

— Meus amigos, exclamou o cura, assentando-se no meio da assembléa, meus amigos, escutem-me.... Ha uma passagem de S. Paulo, que diz; — « Não esqueças a hospitalidade, porque, em virtude d'ella, alguém tem alojado em sua casa os anjos, sem o saber. » Por aqui vereis, que os anjos descem algumas vezes á terra. Algumas vezes tambem ficam invisiveis. Qual é a mãe que ponha em duvida, que seu filho tem um anjo da guarda, posto que nunca o visse? Outras vezes manifestam-se visivelmente sob a figura de um viajante ou de um mendigo, como ainda S. Paulo nôl-o affirma, ou sob outra qualquer fórma; tudo sempre conforme os designios de Deus! Acreditam que os não haja entre as irmãs da caridade, entre os meninos, entre essas jovens, que desapparecem na flôr da edade, sem terem amado, além de sua mãe e do seu Deus? O pequeno Joas! nosso filho querido! Deus me perdôe se lhe dou ainda este nome! Lembrem-se da maneira porque elle appareceu n'este mundo! d'aquelle modo milagroso porque foi salvo! d'aquelle ninho que nem pôde ter sido feito por um homem, nem por uma ave!... Lembrem-se da sua belleza, da sua intelligencia, da sua candura...., d'aquelle voz que não podia ser igualada, como tantas vezes o dissemos, senão no céu, pela dos cherubins! Pôde tudo isto explicar-se humanamente?!... Ah! meus amigos, nós queremos achar sempre causas naturaes ás cousas, mas ha muitas que as tem sobrenaturaes.

Deus está commosco muito mais do que nós suppomos, e se a maior parte das vezes occulta o seu braço omnipotente, outras lhe apraz deixal-o vêr. É preciso veneral-o, é preciso que o adoremos quando se mostra aos

nossos olhos.... Mas para que desceu este anjo á terra? Deus queria bem a este moço, que aqui está (mostrando Pierrot), e não se admirem por elle ser dos humildes da terra; Deus olha para os pequenos, como olha para os grandes, e Nosso Senhor Jesus Christo disse, que nem um só dos nossos cabellos deixa de estar contado.... Sim! Deus viu com favor este mancebo, que era de uma natureza rica e boa, mas ardente, e exposta por consequencia a muitos perigos. Enviou-lhe então aquelle menino, que devia ser para elle como um irmão, para lhe domar a rudez, para exercitar e engrandecer a sua intelligencia, para o guardar da violencia das más paixões, para o fazer entrar, e lhe servir de guia no bom caminho, para estreitar, em fim, este casamento, que era da vontade de Deus; porque, como sabeis, meus amigos, os bons casamentos estão escriptos no céu..... De sorte que, quando os esposos se acharam unidos perante o altar, e depois que o santo sacrificio da missa se acabou de celebrar, o anjo havia completado a sua obra; a missão que Deus lhe tinha dado achava-se cumprida.... Voltou por consequencia para Deus. Não devemos, pois, affligir-nos pela sua ausencia, porque, se perdemos um amigo na terra, ganhámos um protector no céu; e elle quer que nós todos estejamos alegres, elle subiu ao manancial de todas as alegrias. E depois é preciso que saibâmos tambem tirar uma lição d'este successo milagroso; é que, não só devemos praticar a hospitalidade pela razão que dá S. Paulo; mas que devemos tambem consagrar muita consideração e respeito ás pessoas que se distinguem n'este mundo pela sua piedade, pela sua caridade, e pelas suas virtudes; porque essas pessoas podem ser, sem que nós o saibâmos, anjos enviados por Deus.

Apesar dos seus sentimentos religiosos, e de toda a confiança que devia ter na palavra do sr. padre cura, Pierrot não pôde conformar-se com a idéa de haver perdido o seu pequeno Joas.... Teve uma explosão de lagrimas, e sahiu pela casa fóra, dizendo:

— Vou ainda procural-o.

Mas voltou só pouco tempo depois.

No dia immediato, a justiça que não tinha obrigação de acreditar no milagre, fez tambem, pela sua parte, todas as investigações possiveis; mas foram sem resultado. A desappareição do pequeno Joas ficou sempre mysteriosa, como o havia sido a sua vinda ao mundo, e nunca se lhe pôde achar outra explicação, além da que tinha dado o bom do sr. padre cura.

FIM.

VIAGEM D'ATHENAS A SPARTA.



Gregos elegantes.

DE Athenas a Sparta, se se toma o caminho de Megara, de Corintho e de Argos para entrar em a Laconia, por Mantinea e Tripolitza, contam-se oito dias de marcha; a estrada é comprida e difficil, mas é a que todos seguem, e como o viajante raras vezes se afasta dos itinerarios indicados e dos caminhos trilhados, uns vão atrás dos outros, e seguem o caminho usual.

Por isto, nós tambem tratavamos de fazer o que faz todo o viajante na Grecia, isto é, alugar *agoias* e cavallos, e entregar-se, durante quinze dias, ao cuidado de um guia, no caso de querer, como nós queriamos, ir a Sparta; mas o commandante do *Pericles* nos participou, que no dia seguinte pela manhã se fazia de vela para Calamata, nas costas de Messenia; o *Pericles* era um bello barco de vapor, pertencente á companhia de *Menageries*, estacionada então no Pireu, e servindo a levar, de dez em dez dias, a corresponden-

cia de Syra a Athenas; era então em Syra que os paquetes da linha de Marselha a Constantinopla desembarcavam os passageiros que seguiam para a Grecia; durante a bella estação, o *Pericles* fazia, no intervallo do seu serviço regular, uma viagem a Chaleis e a Salonica, e uma viagem em volta do Peloponneso; costeava, tocando nos pontos mais curiosos, toda a Attica, a Argolida, e a parte oriental da Moréa; era um meio novo e facil que se nos offerecia de nos dirigirmos a Sparta em quatro dias, sem que a nossa excursão, por ser mais rapida, perdesse parte alguma do seu interesse; porque, depois de ter percorrido as ilhas, e visitado as cidades do litoral, podiamos demorar-nos em Marathonisi, no golpho de Kolokytia; d'alli bastava-nos um dia para chegar a Mistra e Sparta, atravessando as montanhas de Bardhunia, e seguindo a planicie de Helos e o valle do Eurotas.

(Continúa.)

Tendo-se inutilisado, já no prelo, a gravura da praça de Dresde, que ia n'esta pagina, e a que se refere o nosso artigo seguinte, apresental-a-hemos n'um dos proximos numeros.

VIAGENS.

DRESDE.

UMA vez que não se visite Dresde em epochas de cholera, em tempo de guerra, quando chove, ou sob uma d'estas disposições de espirito, que tingem de negro os objectos que se observam, todos hão de gostar d'esta cidade, e dizer consigo: «Muito feliz se viveria aqui.» — Todas as condições, que podem tornar uma cidade agradável, se acham reunidas n'esta: bonitos passeios, um grande rio, ruas largas, praças espaçosas, edificios elegantes, colleções admiraveis de obras d'arte, tudo ahi se encontra.

Posto que Dresde seja a capital da Saxonia, não é populosa a ponto de apresentar os inconvenientes da bulha, e tumulto das grandes cidades; contém apenas 70:000 habitantes, e assim mesmo ainda está dividida em dois grandes bairros, ou quasi cidades independentes (a velha e a nova), com os quatro arrabaldes de Frederico, Wilsdruf, See e Pirna. Uma ponte magnifica, terminada em 1830, que se apoia em 24 pilares, e de 1:800 pés de comprimento, une estas duas partes de Dresde.

As margens do Elba são animadas. As casas de pasto, os cafés, os terrassos, parecem suspensos sobre as suas aguas; os jardins dos principes Antonio e Maximiliano, o Buhler, o jardim da condeça de Cosel, o de Manolin, as ruas de tilia, formam uma especie de semicirculo em volta da cidade, e matizam agradavelmente as casas de verdura.

A tarde, as familias vem assentar-se debaixo das arvores; as senhoras, tanto as de mais idade, como as mais novas, fazem meia; os homens fumam; falla-se pouco e medita-se muito: de um ou outro lado ouvem-se por vezes musicas e cantigas.

A alguns centos de passos dos muros, encontra-se de uma parte, o parque grande separado do pequeno pelo rio Weisseritz; do outro, saindo pela porta de Pirna, o grande

jardim (*der grosse Garten*), que póde ser comparado aos mais lindos da Europa; com effeito, tem todos os ornamentos d'estes: estatuas, mirantes de uma architectura graciosa, cafés que esperam os freguezes debaixo da folhagem das arvores, um lago que esparge a frescura no verão, e no inverno se transforma n'uma planicie gelada, onde os *patinadores* correm á vontade, uma floresta onde se encontra a solidão, largos recamados de verdura, onde affluem os passeantes, tudo alli se encontra.

Indo mais longe, e querendo subir o curso do Elba, descobrem-se successivamente as cidades, as bellas campinas, as quintas, os castellos, etc., e por fim, o que se chama a Suisa saxonica, excursão que se deve fazer em separado da visita a Dresde.

A praça, que apresenta a nossa gravura, é a que reúne os mais notaveis monumentos. Na sua frente está a igreja catholica; á direita, ao longe, o theatro; á esquerda o palacio do rei. Se a gravura tivesse mais algum espaço para a direita, mostraria o Elba, e o principio da ponte, e olhando n'esta direcção o espectador, veria uma larga escada que conduz ao jardim de Bruhl.

A igreja catholica, construida no ultimo seculo, durante o reinado de Augusto III, (nascido em 1696 e morto em 1763) tem muito poucos ornatos interiores, e resente-se da austeridade protestante que a rodeia; nota-se apenas um grande quadro de Raphael Mengs, — a resurreição de Christo, e outro de Rottaris, — a morte de S. Francisco Xavier. Mas a familia real, que é catholica, manda dizer aqui missas cantadas, cuja musica tem uma grande reputação em toda a Allemanha.

Um outro edificio religioso, a *Frauenkirche* (igreja das mulheres), edificada na praça do mercado novo, offerece no interior a disposi-

ção de um grande theatro; numerosas galerias se acham sobrepostas até quasi ao tecto. Conta-se que o architecto Behn, depois de a ter acabado, se deitou de proposito do alto do zimbório sobre as lageas do pavimento.

O palacio do rei, composto de seis pavilhões; o palacio chamado japonês; a gruta verde, são depois das egrejas os edificios que merecem mais verem-se. A sua construcção não data de epochas afastadas. A cidade inteira é moderna; ao principio era uma pequena aldêa habitada por uns pescadores pobres; quando principiou a tomar as proporções de cidade, disputou-se muito a sua posse.

Os *margraves* de Meissen ficaram senhores d'ella, e pôde dizer-se, que foram estes, que fundaram realmente a cidade. Os netos de George, o *Barbudo*, o eleitor Mauricio, e o eleitor Augusto, a cercaram de fortificações.

João Jorge II, que tinha gosto pelas artes,

começou os embellezamentos, que acabou depois Augusto II, e seu filho Augusto III. O sitio de 1760 destruiu uma parte dos monumentos. Goethe e Bernardin de S. Pierre, que viram Dresde depois d'este triste successo, exprimiram eloquentemente o sentimento de dôr, que lhes fez experimentar este montão de runas. Mas Dresde, pôde dizer-se, que se reconstruiu.

O museu real, que ainda conserva, a tem feito comparar a Florença, e chama ao seu seio de todos os pontos da Europa, os que têm um amor serio pelas artes.

Dresde é hoje, pois, uma cidade das mais frequentadas pelos estrangeiros, e nós estamos convencidos, que os que lá forem uma vez, não darão por mal empregado, nem o seu tempo, nem a despeza que com a viagem fizerem.

A GUERRA DO ORIENTE

OU

OS RUSSOS E OS TURCOS.

(Continuado de pag. 269 do S.º n.º)

CAPITULO XX.



falta essencialissima de cavallaria, a necessidade de evacuar os feridos para Constantinopla, a circumstancia do exercito russo haver retirado em boa ordem com toda a sua artilheria e cavallaria, a difficuldade de abastecer o exercito de munições de guerra e de boca, a propria resistencia que nas alturas do Alma haviam encontrado, tudo obrigou os alliados a não perseguirem o exercito de Menschikoff e a demorarem-se até ao dia 23 de setembro nas alturas que com tantos sacrificios haviam ganhado; n'este dia porém o exercito aliado marchou do Alma para o Katcha, cujas margens

achou completamente desguarnecidas e abandonadas.

As esquadras estavam na bahia que fórma a embocadura d'este rio: em a noite de 23, os generaes souberam pelos respectivos almirantes que o inimigo tinha lançado mão de um expediente de certo inesperado, e verdadeiramente no genero russo, mas que modificava completamente o plano do ataque; este expediente consistia em afundar na entrada do porto de Sebastepol 6 navios de alto bordo que impossibilitavam a entrada da esquadra, e privavam as operações de sitio do auxilio que esta lhe poderia fornecer, atacando ao mesmo tempo pelo lado do mar: accresce que na embocadura do rio Belbek os russos tinham construido uma grande obra de defe-

sa, que tornava senão impossível, ao menos mui difficil a operação do desembarque do material de sitio que n'este ponto se fencionava fazer, na hypothese de atacar pelo norte; sabendo-se além d'isso que o lado do sul da cidade era o menos fortificado, os generaes resolveram no dia 24 mudar todo o plano do ataque, largando as communicações com o Katcha e mudando a base de operações para Balaklava, e mais bahias para além do Chersoneso. N'este mesmo dia 24, as tropas alliadas haviam chegado ás alturas do rio Belbek, onde passaram a noite; mas no dia 25 pela manhã, tendo atravessado a aldêa de que o rio tira o seu nome, e deixando a estrada que conduz directamente para Sebastepol, voltaram á esquerda na direcção de sueste e foram atravez do paiz tornear a praça de Sebastepol, procurando a estrada de Balaklava para esta cidade, que passa a 6 milhas (em linha recta) pouco mais ou menos do Belbek, nas proximidades do sitio chamado, — herdade de Mackensie.

Esta marcha, militarmente considerada, é um rasgo de audacia, que um mau resultado faria classificar logo de temeridade indesculpavel, e que de certo não seria feita impunemente se um general como Napoleão commandasse o exercito russo, ainda mesmo depois de arrojado fóra das alturas do Alma.

Na guerra, um exercito que dá um flanco ao inimigo é um exercito perdido, ainda quando o terreno se presta ás manobras rapidas, e torna possivel as mudanças de frente; quando esse terreno é de natureza tal que a cavallaria e artilheria tem de marchar inteiramente separadas da infantaria, e que esta tem de dirigir as suas divisões inteiramente isoladas, guiando-se pelas indicações da bussola, e abrindo o caminho á força de machado atravez do mato, e desfilando homem por homem, regimento a regimento, se logo depois d'este trajecto uma grande parte do caminho se ha de fazer por um desfiladeiro profundamente enterrado entre as alturas, então pôde dizer-se que esse exercito se entregou de mãos atadas ao seu contrario, com tanto que este saiba aproveitar a occasião opportuna que é o grande segredo da arte da guerra.

N'esta marcha dos alliados para Balaklava nota-se uma circumstancia que raras vezes succede na guerra, especialmente entre generaes qualificados; — nem os alliados sabiam de Menschikoff nem Menschikoff dos alliados; separados por duas ou tres leguas de terreno, os dois exercitos ignoravam completamente os movimentos um do outro, e assim

encontram-se tão *innocentemente* que nenhum d'elles pôde tirar partido da má posição do seu contrario, sendo apenas os alliados os aggressores pela circumstancia de irem dar com a retaguarda e bagagens do exercito de Menschikoff, que teve de fugir, quando com uma manobra habil teria envolvido e cortado todo o exercito inglez, se soubesse antes a sua posição desvantajosa.

A parte os inconvenientes estrategicos da marcha, a sua execução, que apresentava grandes difficuldades, honra summamente a disciplina dos exercitos alliados.

Do Belbek á herdade de *Mackensie*, ha apenas um carreiro praticavel que seguiu primeiro a cavallaria e que a artilheria ligeira teve de tomar depois; a infantaria mettu-se ao matto, e marcando na bussola a direcção sueste foi praticando a machado um caminho n'esta direcção.

A primeira divisão, como é mui facil n'estas occasiões, tomou um pouco mais para o sul do que convinha, e foi parar á base dos outeiros onde está o pharol de Inkerman; teve então de virar para l'este para vir encontrar-se no ponto geral de reunião. (*Mackensie*.)

A agua faltou completamente durante a primeira parte da marcha e só na herdade se encontraram dois poços, insufficientes de certo para todo o exercito. As bagagens, já de si pequenas, ficaram todas á retaguarda, umas para embarcarem, outras para seguirem mais tarde pelo unico caminho praticavel; o exercito soffreu muito n'esta primeira parte da marcha que effectivamente se pôde considerar penosa, tanto mais que ao começarem a sair da orla do bosque avistaram a retaguarda do exercito de Menschikoff que seguia na direcção de *Batchsi-Serai*, foi necessario atacal-a, com a boa fortuna que completamente surpreendida por não esperar os alliados n'aquelle ponto, dispersou aos primeiros tiros, deixando alguns prisioneiros e alguns carros de bagagens em poder dos alliados, que não levaram mui longe a perseguição, felizes por poderem continuar sem obstaculo o seu caminho.

Éra absolutamente necessario que a cavallaria chegasse n'esse mesmo dia ás margens da *Tchernaya*, pois só n'esse ponto havia agua para dar aos cavallos; egualmente convinha que a infantaria ahi acampasse tambem, não só pela razão da agua, mas para a sua maior segurança. De *Mackensie* para a *Tchernaya* o caminho é já muito praticavel, mas segue por um desfiladeiro profundo que as alturas dominam de um e outro lado e que seria impraticavel sendo occupado pelo inimigo.



O GRAN-VISIR — MEHEMED-PACHÁ.

Ao cabir da tarde a cavallaria ingleza chegou effectivamente ás margens da Tchernaya, onde acampou, e as divisões de infantaria foram chegando durante a noite, tendo andado quatorze horas quasi successivas, entrando em fogo, e faltando-lhe a agua durante uma grande parte do seu transito.

A quarta divisão ingleza havia ficado nas alturas do Belbek para conservar livres as communicações com o Katcha, em quanto se não effectuasse todo o movimento, assegurando assim a livre pratica com as esquadras, e com o exercito francez que vinha na retaguarda.

O que fazia entretanto este exercito? Passava tambem por duas grandes provações, uma que se pôde dizer physica, outra moral. Seguindo á retaguarda do exercito inglez e achando ainda mais difficuldades que vencer do que elle, não pôde essa noite chegar á Tchernaya; a falta de agua tornou-se-lhe mais sensivel; o cholera, exacerbado pelas circumstancias penosas da marcha, fez estragos terriveis durante essa noite, que deve ser recordada com bastante amargura pelos soldados do Oriente, tanto mais que S. Arnaud, e seu commandante em chefe, o vencedor do Alma, succumbindo ás fadigas da marcha, aos cuidados pungentes e responsabilidade do commando, que tudo havia augmentado os seus antigos padecimentos physicos, e segundo dizem, a um ataque de cholera, se viu n'esse dia impossibilitado de continuar a sua gloriosa tarefa.

No dia 26 de setembro S. Arnaud entregou o commando em chefe do exercito francez ao general Canrobert, e despedindo-se d'esse exercito n'uma proclamação profundamente sentida, embarcou no dia 27 no barco a vapor *Bertholet*, e no dia 29 falleceu durante o seu trajecto para Constantinopla.

Este marechal, incontestavelmente dotado de algumas qualidades militares, mas não tendo vivido sufficientemente no commando para se emittir um juizo seguro a seu respeito, parece contudo ter morrido na occasião mais propria para a sua gloria, isto é, logo depois da batalha do Alma.

Continuando a viver, se não tomasse Sebastepol, a gloria do Alma se esvaeceria logo; morrendo, todos acreditam que os muros da quarentena não poderiam resistir ao vencedor de Bulganack. A importancia militar de S. Arnaud é mais um problema que a morte deixou ao historiador, como tem deixado tantos outros que ninguem no mundo é capaz de resolver.

No dia 26, as avançadas inglezas marcharam já por bom caminho do acampamento da Tchernaya para Balaklava, mas ao chegarem a tiro de peça do castello, as balas de artilheria que vieram cair na frente das columnas lhe indicaram que havia alguma resistencia a temer. De pouca importancia poderia ella ser. — Com effeito, o castello de Balaklava, antigo forte construido pelos genovezes, montava apenas 4 peças de artilheria; mal reparado, ameaçando até ruina em alguns pontos, sem uma guarnição regular, a sua resistencia devia ser mui pouco para temer, e effectivamente o foi. Occupadas as alturas que o flanqueiam por algumas peças de artilheria, e por a divisão ligeira, o castello rendeu-se immediatamente e os inglezes tomaram n'esse dia posse de Balaklava, em cujo porto apparecia ao mesmo tempo a nau *Agamenon* com a bandeira do contra-almirante sir Edmund-Lyons, assegurando-se assim a posse completa d'este ponto importantissimo para as operações que se iam tentar contra a fortaleza de Sebastepol.

Com effeito de Balaklava a Sebastepol vão apenas 9 milhas; a artilheria de sitio podia desembarcar e seguir para a frente com mais ou menos difficuldade, mas sem receio de ser incommodada pela do inimigo.

Por este porto podiam receber-se todos os aprovisionamentos e soccorros, tanto da esquadra como dos diversos navios de transporte, e os desembarques se fariam completamente a coberto; no entanto se a mudança de direcção do ataque trazia algumas vantagens immediatas, eram ellas mui compensadas por largos inconvenientes, alguns dos quaes a deveriam talvez ter feito abandonar; sendo d'estes o principal o ser dominada a cidade, assente ao sul da bahia, por algumas das obras estabelecidas ao norte. Esta circumstancia devia ir pesar essencialmente na direcção que se devia dar ao ataque: com effeito, dado o investimento parcial da cidade, e ainda que o progresso do ataque levasse os alliados ao seu interior, ficariam ali sujeitos ao fogo das obras do lado do norte, e a sua posição era absolutamente insustentavel; e como n'este caso tinham de começar em separado um ataque aquellas obras, segue-se que pouco tinham adiantado com todas as perdas e sacrificios feitos no ataque do sul; verdade seja que se destruiria o arsenal e os estaleiros do Czar, um dos grandes fins d'esta expedição, mas a esquadra salvar-se-hia toda no lado opposto da bahia, e de lá arrasaria a cidade, em cujas ruinas sepultaria os atacantes.

É verdade que a opinião publica na Europa collocou os alliados na necessidade terrivel de entrarem em Sebastepol, ou serem considerados vencidos, e que a simples destruição do arsenal e a entrada effectivamente no lado do sul satisfaria esta opinião e faria considerar os exercitos como vencedores.

Seja como for, a mudança de frente do ataque effectivamente aconselhada pelas circumstancias especiaes, proveio do defeito essencial da expedição, — a sua pouca força numerica, — e do seu caracter inqualificavel, de um *golpe de mão*. Era necessario tomar Sebastepol antes que lhe acudissem os exercitos da Bessarabia e do Pruth, por isso convinha não perder um momento: não havia forças para isolar a praça, não era possível investil-a completamente, não se podia procurar o exercito de Menschikoff, e destruil-o, por falta de tempo, e por que não convinha separar das esquadras; a primeira indicação era ganhar horas, era necessario estabelecer quanto antes as obras d'arte e dar o assalto; avaliavam-se os granitos de Sebastepol pelos do Bomar-Sund, dizia-se geralmente que o fumo das casas mattas era sufficiente para soffocar os artilheiros, e que os paramentos das muralhas eram tão fracos que rachariam aos primeiros tiros das proprias peças; *veni, vidi, vinci* foi a idéa dos generaes alliados, e a idéa da Europa, idéa que reflecte desastrosamente em todas as operações da chamada guerra do Oriente, e que tem já levado a resultados bem pouco agradaveis.

Quaes foram as operações do principe Menschikoff na Criméa, depois do desembarque dos alliados? O que é que praticou este general? O que devia ter praticado? Eis as perguntas que se apresentam naturalmente quando se vê o exercito alliado estabelecido em Balaklava ir dar começo mui socegado-mente ás operações do sitio de Sebastepol.

Devia o principe oppôr-se directamente ao desembarque nas praias do forte velho, como havia asseverado uma parte da imprensa europea, para deduzir d'esta falta uma prova de fraqueza ou de ignorancia do general inimigo? Parece-nos bem que não. O verdadeiro logar do desembarque era um segredo até mesmo para os proprios generaes que o haviam effectuar, e que só depois de novos reconhecimentos e já no mar alto o determinaram definitivamente. Menschikoff com muito menos razão o podia saber, era-lhe pois absolutamente necessario, para evitar o desembarque, guardar em força toda a extensão da costa de Eupatoria ao Belbek, pelo

menos, isto é, uma distancia de mais de treze leguas, operação absolutamente impossivel se se considerar que esse desembarque, qualquer que fosse o ponto em que se effectuasse, devia ser apoiado por mais de *dois mil canhões atirando pela maior parte com projecteis ocos*, e por consequencia varrendo completamente qualquer praia em que se tentasse a resistencia, que nenhum general emprehenderia, nos parece.

É verdade que os desembarques são operações mui difficilissimas e arriscadas sendo feitos em presença do inimigo; mas como lutar contra uma esquadra a vapor, que n'uma hora, se lhe convém, vae arrojando uma divisão a duas ou tres leguas de distancia, e quando o general julga que defendeu effectivamente a praia, acha-se flanqueado e tem de retirar, mui feliz se pôde salvar ainda o seu exercito?

Menschikoff concentrou-se nas alturas do Katcha para esperar o desembarque a que de certo nunca teve tenção de se oppôr seriamente.

N'esta posição evitava que o exercito alliado se interpozesse entre elle e a praça, e ficava livre para operar depois como quizesse.

Constando-lhe o desembarque no Forte Velho, Menschikoff veio para as alturas do Alma que tinha já de ha muito reconhecido como posição altamente sustentavel, e onde tinha mandado fazer alguns ligeiros trabalhos de fortificação. Circumstancias mais particulares talvez, e um pouco alheias ao rigor da arte da guerra levaram o principe a dar este passo, segundo parece.

Os exercitos russos não haviam obtido as menores vantagens nos principados. Nos pequenos recontros com os turcos haviam sido senão derrotados, ao menos vencidos. As grandes massas do exercito haviam ficado inactivas, e uma força que á primeira vista se não pôde explicar, tinha paralyzado todos os movimentos, feito levantar o cerco de Silistria, e arrojado os russos para lá do Pruth: Menschikoff, character arrebatado, genio impetuoso, homem de tendencias sarcasticas, e acostumado á liberdade de opinião n'um paiz aonde isso não é mui facil a todos, tinha censurado as operações dos exercitos nos principados, estava assim moralmente obrigado a exceder os seus collegas da Bessarabia; além d'isso, veterano habituado aos combates, tendo tido na sua longa carreira militar algumas occasiões de se distinguir, costumado a commandar as tropas do seu paiz e sabendo bem o partido que d'ellas se pôde tirar, aspirava occultamente ao desejo de res-

tabelecer a opinião favoravel que aquellas tropas mereciam, e que a campanha desastrosa dos principados, parece lhe havia feito perder; marchou pois directamente para o Alma, para ahi esperar os alliados quando a sua posição mais conveniente era em Batchi-Sarai, como elle proprio o reconheceu depois.

Militarmente considerado, Batchi-Sarai tinha a vantagem de ser uma posição altamente defensavel, ameaçando constantemente o flanco dos alliados, tendo as communicações livres com Perekop, e com Sebastepol, recebendo reforços e abastecimentos do interior, e obrigando os alliados, no caso de o quererem atacar, a internar-se mais no paiz, perder por consequencia o apoio das esquadras, e distrahirem-se do seu fim principal.

Ganhar tempo, está hoje completamente provado, era a primeira indicação para Menschikoff.

Seja como for, o general inimigo esperou, como dissemos, os alliados no Alma, e nós já vimos o resultado d'este passo.

Felizmente para elle o exercito vencedor não ficou em estado de o poder perseguir, o que foi em grande parte devido á falta de cavalaria: o general pôde então, terminada a batalha, retirar socegradamente para o Katcha, aonde chegou pela meia noite, salvando toda a sua artilheria, alguns feridos, etc. Do Katcha, Menschikoff seguiu no dia immediato para o Belbek, e d'alli para a Tchernaya que atravessou tomando uma posição a l'este da cidade, e guarnecendo completamente os fortes do norte, parecendo esperar alli os progressos do ataque dos alliados.

Um estudo porém muito mais demorado

das circumstancias do terreno e da sua posição especial lhe indicou que havia commettido um grande erro tomando aquella posição, e por isso em a noite de 24 para 25 se dirigiu da Tchernaya para Batchi-Serai, exactamente na mesma occasião em que o exercito alliado se dirigia do Belbek para a Tchernaya, d'onde proveio o seu encontro como dissemos.

Os jornaes de S. Petersburgo tratam de defender o principe Menschikoff por não atacar os alliados n'esta occasião, attribuindo esta falta a razões puramente topographicas, e deduzindo-as por consequencia das especialidades do terreno; — são evidentemente sophismas que não convencem ninguem, e julgamos até que para o character e reputação militar do principe era preferivel dizer a verdade, isto é, que elle ignorava completamente as circumstancias especiaes d'este movimento de flanco dos alliados, se o soubesse não ha a minima razão que desculpasse de se não ter aproveitado d'elle; — ignorar um movimento do inimigo sendo um grande defeito, é porém muito menor do que conhecê-lo e não saber tirar partido d'elle; uma hypothese suppõe maus espíões, a outra mau raciocinio; os espíões ainda se compram, mas o raciocinio não se vende, e o general fica assim julgado para sempre.

Seja como fôr, no dia 25 o principe estabeleceu-se definitivamente nas alturas da antiga capital da Criméa, onde ha muito deveria estar, e d'onde ia presenciar esse grande episodio da guerra do Oriente — o cerco de Sebastepol, — se acaso isto se pôde chamar um episodio de guerra, e não a propria guerra, como nos vamos inclinando a acreditar.

VARIÉDADES.

Gotas de chuva.



rosa que Mary tinha colhido para Anna, estava ainda molhada pela chuva da trovoadá; — as gotas d'agua enchiam a flor, e faziam-lhe pender a frente delicada.

Parecia que as folhas humidas choravam pelo pé de que a rosa havia sido cortada, e

pela moita de verdura em que havia nascido.

Lancei-lhe rapidamente a mão, e n'este movimento sacudido, a pobre flor desfolhou-se, e juncou o chão com os seus restos.

E eu disse comigo: quantas vezes tratam os homens assim a corações já esmagados pelo peso da amargura! — Se eu tocasse com mais cuidado esta flôr tão viçosa e engraçada

ha pouco, teria ella podido brilhar ainda por alguns instantes.

Da mesma maneira, se enxugarmos com precaução as lagrimas que vimos rebentar, poderemos vê-las talvez ainda substituidas por um sorriso. (Courper.)

O homem e a mulher.

POR KRUMACHER.

Quando os paes da humanidade foram expulsos do Eden, choraram muito, e por muito tempo, e disseram um ao outro:

— Como havemos nós cumprir agora o nosso destino sobre a terra? Quem é que nos ha de servir de guia?

Adiantaram-se então para o cherubim que estava de guarda á porta do Paraiso. — Eva encostava-se a Adão, e escondeu-se por traz do seu hombro quando chegaram perante o guarda celeste.

Adão disse ao cherubim, com voz supplicante:

— Agora os mensageiros de Deus não irão já adiante de nós, porque nos tornámos impuros; supplica pois ao Creador do mundo que nos envie um dos seus anjos, ou uma estrella ao menos que possa conduzir-nos.

O cherubim respondeu:

— O homem tem em si mesmo a sua estrella, e, apesar ainda do peccado, essa estrella ha de brilhar mais, ha de ser sempre mais clara e mais pura do que as que percorrem os Ceos. — Não tens por consequencia mais do que seguil-a.

Mas Adão instou outra vez, e disse:

— Ó servidor de Jehovah, dá-nos antes uma imagem apparente que possamos vêr; o coração d'aquelle que saiu uma vez do caminho direito, é mudo e cheio de trevas; a voz interior cala-se e não se deixa ouvir.

Então o anjo pensativo disse a Adão:

— Quando o Eterno te formou da poeira da terra, e te deu a vida n'um sopro, tu ergueste a cabeça para o Ceo, e o teu primeiro olhar se dirigiu ao sol; seja pois o sol o teu modelo. — O sol começa a sua carreira com a frente pura e resplandecente; não se inclina nem para a direita nem para a esquerda; abençoa tudo aquillo por que passa; — ri-se da tempestade que rebenta a seus pés, e, depois da lucta, mostra-se ainda mais bello e mais generoso. — Homem, seja esta a imagem da tua peregrinação na terra.

Então a mãe, cheia de graças, dos viventes chegou-se ao mensageiro celeste:

— Dá-me tambem, disse ella, uma palavra de conselho e de consolação. Como poderia a mulher fraca e debil erguer seus olhos para o sol, e seguil-o na sua carreira!

Assim fallou Eva; e o cherubim teve piedade da mulher; voltou para ella seu rosto, sorrindo, e disse-lhe:

— Quando o Eterno te formou aos raios do sol que descia no poente, os teus olhos não se ergueram para o Ceo; mas abaixaram-se para as flores do Eden, e o primeiro som que te chegou ao ouvido foi o murmurio suave da fonte cristallina. — Seja pois a tua obra semelhante á obra da natureza! — Produz em silencio tudo quanto ha grande e bello; tudo germina em seu seio; faz nascer a flor e o fructo, e enfeita-se com as suas proprias producções. — Mulher delicada, eis aqui o teu modelo.

Depois o anjo accrescentou, dirigindo-se ao homem e á mulher:

— Seja a vossa união tão sincera e tão completa, como é sincera e completa a união do Ceo e da terra!

Se queres commover o coração do homem, canta a morte, a dor e a desdita. — Todos a temem ou a conhecem. — A alegria é um thesouro que sómente a alguns eleitos é dado possuir. (Ruekert.)

Se o orgulhoso podesse ver o pouco vacuo que a sua morte ha de deixar, não se ufania tanto com o logar que occupa na vida.

As prosperidades do máu são como as sombras ao pôr do sol. — São sempre maiores quando estão para desaparecer.

A modestia de certos ambiciosos consiste em se engrandecer sem fazer muita bulha; como que andam no mundo sempre nos bicos dos pés. (J. Petit Jean.)

Uma fraqueza natural nos homens superiores, quando commettem um erro, consiste em querel-o fazer passar por uma obra de engenho, por uma vasta combinação que as intelligencias vulgares não podem comprehender. — O orgulho diz estas cousas, e os tolos acreditam-as. (Chateaubriand.)

O pae e as suas tres filhas.

«As lendas populares da Allemanha nem sempre são fantasias supersticiosas, podem

muitas vezes ser consideradas como paraboladas destinadas a pôr em acção certas verdades moraes. — A que se vai lêr é d'este numero; tem por fim provar que nunca do mal pôde resultar bem, e que o pae que sacrifica a justiça e a humanidade ao interesse de seus filhos vê tarde ou cedo a sua perversidade ser o instrumento do seu castigo. Este thema que varia quanto á fórma, mas nunca quanto ao sentido symbolico, foi desenvolvido com eximia graça por Uhland na versão poetica que se segue. »

Tres donzellas olhavam para um valle profundo; seu pae chegou a cavallo, — vestia armadura d'aço. — Sêde bem vindo, pae! que trazes ás tuas filhas?

— Minha filha vestida de amarello, lembrei-me hoje de ti. — Não pensas senão em galas e enfeites, ahí tens essa cadêa, arranquei-a ao orgulhoso cavalleiro, e matei-o depois.

A donzella pegou na cadêa, desceu ao valle, e encontrou aquelle que o pae matára. — Eis-te estendido na terra como um ladrão de estrada, ó nobre cavalleiro! disse ella; mas eu amo-te muito! Apertou-o nos braços, arastou-o até á casa de Deus, estendeu-o no tumulo dos seus antepassados; depois atou ao pescoço a cadêa de ouro, e apertou-a até que caiu sem vida.

Duas donzellas olhavam para um valle profundo; seu pae chegou a cavallo, vestia armadura d'aço. — Sêde bem vindo, pae! que trazes ás tuas filhas?

— Minha filha de vestido verde, pensei hoje em ti. Não cuidas senão de caça, trouxe-te este dardo que arranquei ao caçador ferroz depois de o haver morto.

A donzella pegou no dardo e precipitou-se na floresta. — O seu grito de caça era *morrer!* chegou ao pé do caçador — Vim ter contigo, disse ella, debaixo d'esta faia, porque o meu coração me chamou aqui! — E atravessou-se com o ferro, de sorte que descancaram um ao lado do outro. — As aves do ceo cantaram por cima d'elles, e a folhagem verde cobriu-os dentro em pouco.

Uma donzella olhava para um valle profundo; seu pae chegou a cavallo, vestia armadura d'aço. — Sêde bem vindo, pae! que trazes a tua filha?

— Minha filha de vestido branco, pensei hoje em ti. — Não cuidas senão de flores, e trago-te hoje uma mais pura do que a prata; tirei-a ao jardineiro que m'a recusava, e matei-o.

A donzella pegou na flor, metten-a no seio, desceu ao jardim, onde estava d'antes a sua felicidade, e assentou-se na collina matizada de lirios.

— Oh! exclamou ella, se eu pudesse imitar minhas irmãas bem amadas! Mas, triste de mim! as flores não matam! — Então, melancolica e pallida, poz-se a olhar para a que seu pae lhe havia dado até que murchou, e até que ella propria se inclinou para a terra.

MISCELLANEA.

OS ESCRAVOS NA RUSSIA. (*)

(Continuado de pag. 238 do 7.º n.º)

IV.

TENDO tratado até agora dos escravos, que pertencem aos senhores, juntarei

mais algumas palavras a respeito dos servos da coroa, isto é, dos dezoito ou vinte

(*) Fallando-se actualmente em que se tratam de alistar na Russia os servos da coroa, julgamos

curiosa a seguinte noticia, que achámos na mesma obra d'onde extrahimos os artigos antecedentes sobre a escravatura. (Nota da Redacção).

te milhões de camponezes, que estão sujeitos immediatamente ao ministerio dos domínios reaes, e que se concordou em chamar, na linguagem official russiana, *camponezes livres*. Vêr-se-ha em que consiste a sua liberdade, e se a sua sorte differe tanto, quanto se quer fazer acreditar, da dos servos particulares.

Os servos da coroa não são obrigados a pagar ao governo mais do que uma capitação annual de 15 rublos (12:000 réis) por cada individuo do sexo masculino; mas sabe-se que na Russia as cifras tem valor essencialmente relativo, e se prestam com uma maravilhosa elasticidade a todas as metamorphoses. Estes 15 rublos se transformam á vontade em 30, 40, e ás vezes mesmo em 50. Isto ainda não é tudo: os servos da coroa são obrigados não só a repararem as estradas e a abril-as de novo, mas a executar, sem recompensa alguma, todos os outros trabalhos de utilidade publica. Pertence-lhes egualmente fornecer os transportes aos soldados, e dar-lhes de comer quando passam pelas suas terras, ou n'ellas se demoram; são estes, dois encargos muito penosos, que o governo promette sempre pagar; mas o dinheiro do estado é um objecto fantastico e impalpavel para o servo russo, ainda mesmo na qualidade de reembolso.

Quaes são as compensações, que o soberano concede aos seus servos, em troca do que recebe d'elles? Dá-lhes ordinariamente de uma até dez *deciatinas* de terreno (*), segundo as partes do imperio que habitam. É quanto basta para os sustentar a elles e as suas familias.

Os servos estão *adscriptos* ao terreno, que os viu nascer, ou áquelle para onde foram mandados: não o podem deixar, sob pena de serem considerados como desertores. É verdade que dispõem livremente do seu tempo, e obtem, em certos casos, a auctorisação, que algumas vezes pagam bem cara, de ir trabalhar ás cidades mais proximas.

Analysando bem este negocio vê-se, que se o servo da coroa goza de direito, uma maior somma de liberdade do que o servo senhorial, está bem longe de a gozar de facto; com effeito, obedece a uma infinidade de administradores, de delegados do governo, que o oprimem, o vexam, o roubam, e lhe dão pancada sem piedade alguma. Se escapa a tyrannia dos nobres, cáe debaixo da ferula dos empregados officiaes, e na maior parte dos casos está bem longe de ganhar na troca, e

não está mais livre do que o seu visinho, o servo particular, de ser mandado para a Sibéria, por pouco que desagrade a este ou áquelle funcionario. Quanto á sua situação material, morre, litteralmente fallando, de fome, quando o seu campo tem sido assolado pelo frio ou por as tempestades.

Sabe-se que os annos de fome são muito frequentes na Russia. Em tão lamentaveis circumstancias, a unica esperança do servo é a generosidade do Czar. Este, é verdade, que lhes manda dar alguma cousa, mas é pouco; as esmolas que destina para esta população esfomeada, ficam quasi sempre, na sua totalidade, por as mãos dos encarregados de as distribuirem. D'esta maneira, os servos vem apenas a receber uma parte insignificante, e depois ninguem mais se importa com elles. «No verão de 1841, diz Mr. Marmier, viam-se milhares d'estes pobres desgraçados vagueando com suas mulheres e seus filhos pelas estradas principaes, implorando com as mãos postas e as faces descarnadas, um pedaço de pão negro para matar a fome.

«Muito poucos servos senhoriaes se tem visto reduzidos a esta extremidade.

«Quando fui a Moscou, a fome durava ainda; em cada estação, grupos de velhos enfraquecidos pela idade e pela miseria, mulheres vestidas de miseraveis farrapos, crianças rachiticas e de physionomia cadaverica, se agrupavam em volta da carruagem, curvando-se a nossos pés, e chamando-nos com uma voz que cortava o coração, *bons senhores e bellos sóes*, procurando obter por estas supplicas, em estylo oriental, a esmola de alguma pequena moeda de cobre.»

Uma circumstancia, que não tem sido observada, e que merece sê-lo seriamente, é que a Russia parece ter reservado o monopolio da escravatura exclusivamente para os russos. Succederá que de todos os povos estabelecidos n'aquelle paiz, sejam os russos os unicos, que possam sujeitar-se ás miserias e á baixeza d'esta barbara instituição?

No entanto ha occasiões, em que a tyrannia de que é victima, chega a excitar na alma do escravo as mais tremendas reacções. Então a sua vingança rebenta, lugubre, sombria, sem piedade; o escravo quando chega a calcar aos pés as suas cadêas, quer tambem faltar-se de lagrimas e de sangue.

Não ha anno algum em que factos d'este genero não venham ensanguentar o sólo moscovita; mas o mais profundo mysterio os encobre; e a não se passar por acaso pelo logar do sinistro, nada se sabe.

Passsei uma vez, durante o curso das mi-

(*) A *deciatina* vale pouco mais de um *hectare*, que equivale a um quadrado de 100 metros de lado.

nhas viagens na Russia, pelos dominios por onde tambem havia passado a vingança dos escravos, e ainda estremeço quando me recordo d'ella. — Era um senhor que tinha sido esfolado vivo, e depois queimado com a sua mulher e os seus filhos no seu proprio castello a que tinham deitado fogo.

Outros factos d'esta natureza e não menos terribes me foram contados: um só bastará para os caracterizar a todos.

Era em 1841; um tenente da guarda imperial, ainda rapaz, tendo herdado dois mil servos, tinha ido para as suas terras para gozar dos seus direitos de proprietario. Alguns dias depois da sua chegada, muitos dos seus camaradas foram convidados por elle para virem ao castello festejar os seus annos.

Jantar esplendido; depois orgia completa.

E assim que ordinariamente se diverte a maioria d'aquelles senhores.

Doze raparigas escolhidas entre a flor das camponezas pertencentes ao dominio senhorial, foram chamadas para faltar a brutalidade do seu novo senhor e dos seus amigos. — Uma d'ellas quiz resistir e fugiu. — Ordem para a perseguir. — E quem hão de ser os encarregados de a executarem? o irmão e o noivo da propria rapariga.

E agarrada, tornada a trazer ao castello, e d'esta vez não pôde resistir; a sua deshonra é consummada. Mas a amante favorita do tenente, do fundo da alcova onde elle a tinha encerrado, segue com a raiva no coração todas as peripecias d'esta orgia monstruosa.

Logo que o silencio succedeu ao tumulto, e os convivas inteiramente embriagados succumbiram ao somno, saiu occultamente do castello, e correu á aldêa a contar aos camponezes o que se havia passado.

Immediatamente gritos de morra se fazem ouvir. Uma grande multidão munida de archotes, facas e espingardas, se dirige em tumulto para o castello; deita-lhe fogo, e no fim de alguns minutos, a chamma rompe de todos os lados. O dono da casa é o primeiro que dá pelo sinistro, levanta-se cheio de susto e quer fugir; mas no momento em que vae a sair pela porta do jardim uma bala lhe dá no peito.

Os seus hospedes, cambaleando, vão cair no meio das traves inflammadas.

Os servos não dão quartel a pessoa alguma. Vendo que o seu senhor vive ainda, agarraram-o, e tendo constuido uma fogueira immensa com as vigas que arrancaram das casas do castello, deitam-lhe fogo, e arrojam o infeliz para o meio do brazido, onde elle expira no meio dos mais horrosos tormentos.

Tanta atrocidade revolta! Mas não será o effeito natural e necessario da escravatura? Quando uma instituição só trata de embrutecer systematicamente as creaturas, ha de vêr-se impreterivelmente destruir-se n'ellas tudo quanto ha de humano.

É este o phenômeno constante que se produz e que se observa no escravo russo em todas as phases da sua vida.

Como nada possui exclusivamente, como não tem liberdade para cousa alguma, para elle tudo é indifferente; nada lhe importa, nem sua mulher, nem sua filha que um capricho do seu senhor lhe pôde vir roubar insolentemente, nem o seu campo que o mesmo capricho pôde n'um instante incorporar no dominio senhorial, nem mesmo o seu proprio paiz, onde elle só serve e só vive para soffrer.

Na alma do escravo tudo é confusão e trevas; não sabe o que é bem nem o que é mal, o que é virtude ou o que é vicio; patriotismo, familia não são para elle mais do que palavras destituídas de todo o sentido; é bem sabido que já em 1812 a maior parte dos escravos russos em que restava ainda uma pequena faisca do espirito humano, chamaram de todo o seu coração os francezes para os virem ajudar a sacudir o seu pesado jugo; mas isto é uma excepção.

Não se tem visto alguns d'estes miseraveis, voltando á sua cabana depois de uma longa ausencia, e achando em casa dois ou tres filhos de mais, applaudirem com as lagrimas nos olhos, esta fecundidade adultera?

É verdade que ha excepções a estas misérias; mas nem por isso o principio que as produz deixa de existir; e de certo não basta para corrigir o odioso, e tirar-lhe o máu effeito, a simples boa vontade individual.

Ha russos que tratam de justificar o seu systema de escravidão, e que chegam a ponto de fazer a apologia d'elle. « Nossos escravos, dizem elles, são materialmente felizes; a sua existencia está certa, estão livres de cuidados tanto pela sua subsistencia, como das suas familias; que lhe importam as más colleitas? Sabem que o senhor não os deixará padecer, porque a lei lhe impõe o dever de os sustentar, sejam quaes forem os sacrificios para isso necessarios; assim os servos nada tem a receiar, e estão completamente livres de cuidados. Que differença esta, mesmo até com as classes artisticas nos paizes estrangeiros? Em Inglaterra e na França o proletario vive n'um soffrimento continuo, e n'uma continua incerteza do dia de amanhã, extenua-se ganhando um salario insufficiente, e

se lhe falta que fazer morre de fome; mais vale cem vezes ser escravo na Russia, do que livre e pobre nos outros paizes.»

Não me demorarei em refutar semelhantes puerilidades que tem sido cem vezes rebatidas pelos colonos da America, e a que a opinião publica faz a devida justiça. Qual é o proletario, ou o artista francez ou inglez, que queira trocar a sua condição de homem livre, mesmo com todas as eventualidades e dolorosas incertezas do futuro, pela posição *segura* do servo adscripto á gleba, ou, o que vem a ser o mesmo, do animal domestico?

Tanto isto é assim, que nós já vimos como elles reconheciam a *sollicitude* de alguns senhores. Mas quem poderá além d'isso con-

tar os suicidios a que os arrastam não seguramente as suas angustias moraes, mas os máus tratamentos de que são victimas, e a desesperação da sua miseria? Quem poderá contar as fugas e deserções que não receiam effectuar, com o risco de morrerem de fome nos bosques, e de serem enterrados para sempre n'uma prisão? E que diremos d'estes esforços inauditos que elles fazem para juntar um peculio mysterioso, com o fim de um dia ao menos quebrar as suas cadêas e resgatar a sua liberdade?

São estes os grandes argumentos praticos contra os elogios sophisticos que os senhores russos fazem diariamente da felicidade dos seus servos, *felicidade* que de certo não querem para si nem para seus filhos.

POESIA.

UMA PAIXÃO.

ROMANCE EM VERSO E EM CARTAS.

(Continuado de pag. 241 do 2.º n.º)

CARTA QUINTA.

FRONTINO A ADELIA.

Zombas do meu amor, ris dos meus votos?!
 Julgas, Adelia, que a paixão é sonho;
 Que para te illudir invento phrases
 Doces, sonoras, que ficções só dizem?!
 Eu fingir-me, meu Deus! Eu enganar-te!
 Quando te escrevo que é a ti que adoro
 Com o mais puro amor que ha visto o mundo?
 Ouve-me, Adelia, ouve-me e medita.
 No mundo, disse-o Deus, é rei o homem,
 Affronta a tempestade, affronta os mares,
 Os arcãos dos ceos conhece-os todos,
 Do pygmeu da terra a mão caduca,
 Traça na vastidão immensa d'esse espaço,

A orbita veloz que o astro segue,
 Hoje, amanhã, em seculos de sec'los.
 Zomba do raio e sem temôr lh'ordena,
 Submisso venha as plantas oscular-lhe,
 Um segredo roubou a Deus, e disse,
 Dai-me materia que eu farei um mundo:
 O homem póde tudo, só não póde,
 Ao proprio coração impór dictames;
 Dizer-lhe que aborreça, se elle adora,
 Fazel-o ter amor, se elle aborrece:
 Eu posso se quizer domar o raio,
 Mas ao coração meu dizer não posso,
 Adelia, assim o quer, esquece Adelia;
 Luctar com elle, sim, é-me possivel,
 Vencel-o não, mas, murrerei luctando.
 Perturbar-te não hão de as phrases minhas
 A paz do ermo em que viver pretendes,

Ouvirias lá só, se ouvir podesses,
 Ais que do coração vem vindo aos lábios,
 Requeimando ao passar os seios d'alma,
 E verias de lá, se ver podesses,
 Uma lagrima só luzir nos olhos,
 Uma só, que se a dor é das que mata,
 Pelas faces não corre o pranto em fio,
 Mas no coração cae gota a gota.
 É a dor que me punge é das que mata.
 Mas se uns ares da brisa te trouxerem,
 Um funebre dobrar de torre ao longe,
 Uns sons da campa que revelam morte,
 Se esse som te vier da serra opposta,
 Cruza as mãos, olha os ceos, e dize n'alma,
 Dos homens o amor nem sempre é sonho.

CARTA SEXTA.

JULIA A ADELIA.

Teus desejos cumpri, Adelia, eu vi-o,
 Pobre moço, antes vê-lo não quizera,
 Como bem se traduz em todo o rosto,
 A lucta tão cruel que no seu peito,
 Travou co'a vida um mal que o é de morte.
 Elle ama-te, duvidal-o fóra insania,
 Ou antes blasfemia ao culto d'alma,
 Sacerdocio tambem que tem mysterios,
 Tem ritos, tem altares, tem leis que o regem.
 Labios podem mentir, os olhos nunca;
 Finge-se o riso, não se finge o pranto,
 Se vem do coração correr por as faces,
 Sulcal-as fundo, desbotar-lhe as côres,
 Imprimir n'um aspecto ainda que bello,
 Um cunho que traduz o mais ignaro,
 Pela funesta voz, — infel'cidade. —
 Mentem-se phrases, não se fingem rugas,
 Abertas pela dor n'um rosto imberbe:
 A traição poz-lhe Deus tambem limites,
 Deu ao homem uma voz que todos crêem,
 Solta-se uma vez só, mas custa a vida,
 Que é sobre a campa que nos ella é dada,
 É sobre a campa é que encontrei Frontino.
 Se é triumpho para nós o ser amadas,
 Adelia, exulta, como tu, nenhuma
 Ha tido uma ovação mais completa;
 Mas triumpho não é o ser ingratas,
 Antes um crime, e crime que Deus pune,
 Lusbel amando a Deus nos ceos foi anjo,
 Lusbel ingrato a Deus caiu no inferno:
 Pura, sensível, tão formosa e meiga,
 Fóras ingrata, perderias tudo
 Qual archanjo da gloria descabido,
 Deus do ceo é bom pae, releva os crimes,
 Perdoa a todos menos aos ingratos.
 Eu te juro, Frontino não te illude,
 Oh! fal-o tu feliz, que elle o merece:
 Expande a vida ess'alma que se fina,

Que ella só vive quando nós amámos,
 Antes, existe, como existe a planta
 Da Europa, levada aos ares do pólo;
 Gêlo a circunda, lh'entorpece a seiva,
 Flores não brota a pobre desterrada,
 Languida, fria, attonita, a mesquinha
 N'aquella baça luz das quasi noites,
 E debalde que busca o sol da patria
 Que a faça florescer, tornar a vida,
 O amor pr'a nossa alma é sol de patria,
 Que a patria d'ella sempre foi o Elysio,
 É no mundo o amor, dos ceos é copia;
 Não desprezes, Adelia, esse mancebo;
 Olha não queiras tu d'aqui a pouco,
 Sobre uma lagea vã chorar debalde,
 Pungem tanto os remorços d'assassinio!!

CARTA SETIMA.

FRONTINO A SUA MÃE.

Vou morrer, minha mãe! oh, como é doce
 Esta idéa na mente ao desgraçado!
 Morrer, irmos gozar da paz da campa,
 Sem dor pr'a nos ralar, sem ter saudades,
 Saudades d'ella, o mais atroz tormento!
 Nas delicias da morte acho um espinho
 Agro, tão agro, que lhe embota o gozo;
 É deixar-te sósinha n'este mundo,
 Mãe sem filhos, esposa sem consorte,
 Sem um seio sequer, onde derrames
 As lagrimas de dor que tão sentidas
 As chora a mãe que é orphã de seus filhos!
 Mas perdão, minha mãe, perdoa ao filho,
 Já que tem de morrer, oh! não lhe negues
 Derradeiro favor que vae pedir-te:
 Depois de eu espirar achar-se deve
 Um retrato gentil sobre meu peito,
 Puro, tão bello, qual a tua virgem,
 Cópia de Raphael, a quem oravas
 Por alma de meu pae nas longas noites,
 É d'ella, nomeal-a não careço,
 Bem a conheces, e de mais, os anjos
 Quando baixam a nós não se confundem:
 Eu t'o peço e em paz até não fóra
 A morada final se m'o negasses,
 Esse retrato que eu paguei com a vida,
 Entregal-o has de tu a minha amada
 Todo quente do fogo dos meus beijos,
 Semi-gasto c'o pranto dos meus olhos.
 Pergunta-lhe depois se inda acredita,
 Que Frontino não amasse a sua Adelia,
 É se ella te disser, — já não duvido, —
 Dize-lhe que elle lhe perdoa a morte;
 E depois, minha mãe, do filho a campa
 Vem tu, quando podéres, lançar flores,
 Orar sobre ella, e deitar-me a benção,

Quem sabe ainda se através da lousa
A benção de uma mãe chega a seus filhos?

CARTA OITAVA.

JULIA A ADELIA.

Não respondes, Adelia, inda duvidas?
O capricho da sorte ha junto, acaso,
Fogo em teus olhos, gèlo na tu'alma?
Não amas? Estalou-te alguma furia
Co'a mão de ferro, a corda dos amores?
Em peito de mulher é mal de morte,
A que não ama, morre moralmente,
Viver só para amar é seu destino,
Sublime missão que Deus lhe ha dado.
As que passam na terra sem cumpril-a
O remorso, o pezar, em breve as punem,
Pelas fronte tristonhas reverbera,
Ar d'enfado, um desgosto sem ter causa,
Entre gèlos as rugas vem mais cèdo,
Quando ellas chegam, se saudosas olham,
Ao tempo antigo nem sequer encontram
Uma recordação fallar-lhes n'alma,
Se alma tem quem viveu sem ter amado!
Quando a que assim passou chega á velhice
Objecto só de horror, fogem-na todos,
A miseria, socia sempre d'essa idade,
Vem de certo augmentar-lhe o soffrimento,
Em balde estende supplices as palmas,
Para o obolo obter da caridade,
E a mão tremente de pedir esmola
Não tem para se aquecer, volvendo a casa,
Seios de filha ou labios de consorte;
Chama a longo brádar a morte amiga,
E a morte surda pr'a punir lhe tarda,
E quando chega alfim a desejada,
Entre rostos a rir é que ella morre;
Nos transe d'agonia ouve improperios,
Por preces maldições dos indifferentes,
Uma lagrima não vem molhar-lhe o rosto,
Um suffragio sequer cair-lhe n'alma,

Quando morre o que ouve, é que foi tarde;—
Pois se era velha e nunca teve filhos!!!
Apraz-te, Adelia, um futuro tão risonho?
Ávante, ávante, na trilhada senda,
Tão joven tu serás como a palmeira,
Que o vento do deserto em germen trouxe,
É foi brotar nos areaes da Lybia;
Só, infecunda, esteril, sem ter fructos,
O arabe veloz jámais repousa,
A sombra d'ella, que ella não tem sombra,
A sède ardente não lhe estanca nunca,
Porque fructos não tem para offertar-lhe
Ironia pungente! o filho d'Africa,
Que das orlas do horizonte a procurára,
Recúa maldizendo, a planta esteril,
Leva do ferro pr'a fazer pedaços,
E seu tronco nodoso a custo ageita,
Pr'a massa rude com que dê a morte,
Diffrrente das irmãs, palmeira virgem
Só serve para matar, não pr'a dar vida,
Adelia, quererás, como a palmeira,
Viver para matar a quem te adora?
Por derradeira vez eu vi Frontino,
Pallido, mas de pé, e recostado,
A um cedro annosó em que letras escrevia.
A lua em chapa allumiava o braço;
Tão magra tinha a mão, tão branca a pelle,
Que através d'ella bem distinctas via,
As arterias azues a palpitarem,
Junta á febre do sangue, que o devora,
Outra febre que os medicos não curam;
Depois vi-lhe beijar traçadas letras,
E contra o coração unir o tronco,
Vi depois essa cifra, era o teu nome,
E que dizia em baixo, — adeus para sempre.—
É sonho esta paixão, também te eu mintó?
Bem sabes tu que não, corre que é tempo.
Olha que o pranto, a dor e o remorso,
Erguer não podem lousas de sepulchros,
Pela ultima vez inda t'ó digo,
Pungem tanto os remorsos d'assassinio!



FACTOS DIVERSOS.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR DA REVISTA ESTRANGEIRA.

Paris, 1.º de fevereiro de 1855.

CHEGUEI a casa, e venho um pouco cansado, não obstante ter andado sempre de carruagem, que faria se tivesse feito a minha digressão n'essas *memoraveis* segas de Lisboa, talvez o unico tormento da inquisição, que a humanidade não poude ainda extinguir de todo.

Fiz uma pequena viagem, e mais não sai de Paris, bastou andal-a simplesmente á roda, e quando acabei de percorrer o seu muro de recinto, a que ahi chamariam de circumvallação, vi que tinha andado a brincadeira de 20 kilometros, que, como sabem, deita a muito perto de 4 legoas das nossas; que tal é esta cidadzinha?

Mas nem o meu passeio, nem o meu cansaço, obstam a escrever-lhes, como lhes prometti, e por isso passo a entrar em materia, phrase hoje essencialmente da moda.

E a minha ultima (e primeira ao mesmo tempo) datada de 30 de dezembro, e logo no dia 31 assisti a um d'estes espectaculos, cuja impressão custa muito a desvanecer. — Foi uma grande revista passada pelo imperador a todo o exercito de Paris. V V... poderão imaginar quanto tem de altamente curioso, e direi até de deslumbrante um ajuntamento d'estes n'uma cidade como Paris. O luxo dos uniformes militares, entre os quaes alguns dos modernos e todos os da guarda sobresaíam pela sua originalidade e linda apparencia, algumas figuras perfeitamente militares de officiaes, um sem numero de condecorações, as musicas, as bandeiras, cem mil espectadores, que se agrupam, que se apertam para ver este espectaculo, a que formam uma especie de moldura, que tem tambem suas *curiosidades* que analysar, tudo isto é realmente encantador.

A infantaria, não obstante estar formada em cinco linhas, não coube toda no grande pateo das Tulherias, tres linhas tiveram de se

formar ainda na praça do Carrousel: á retaguarda da infantaria estavam formadas as cinco baterias d'artilheria do exercito de Paris; a cavallaria estava toda em linha no jardim das Tulherias. O imperador appareceu pouco antes da uma hora; o seu estado-maior, em que se viam dois officiaes superiores austriacos e um prussiano, é talvez o mais luzido que se tenha visto n'este genero abaixo do imperador da Russia.

Os gritos de *viva o imperador* retumbaram logo de todas as fileiras. O principe passou então pela frente das diversas linhas, e foi collocar-se no pavilhão do Relogio, por cuja frente desfilou toda a força, que eu calculei em 25,000 homens, talvez me enganasse, porque, como V V... sabem, eu sou um perfeito paisano, e lá os paisanos em se mettendo a fallar em assumptos militares, regra geral, dizem asneira, e não se scandalize alguém por isto, porque eu digo *regra geral*, e toda a regra tem sua excepção.

Foi muito bonito este espectaculo da grande revista do imperador; mas sabem quantas pessoas em França, ainda que lá estivessem ao pé, não a poderiam ver? 37,666; quer dizer, que ha hoje em França 37,666 cegos, ou um cego por cada 950 habitantes, o que não é muito consolador para um homem que usa d'oculos como eu, o que, se bem me recordo, succede tambem á maioria d'essa redacção, ou pelo menos a metade d'ella.

Já que fallamos em cegos dir-lhe-hei igualmente, que ha hoje em França 29,521 surdos-mudos, isto é, um por cada 1,212 habitantes, e notem V V..., que nas cifras acima, não incluo um grande numero de maridos, que por aqui ha, e que, se não tem os tres defeitos reunidos, ao menos parecem-no bem; Deus tenha d'elles piedade!

A restituição do reino da Polonia está na ordem do dia, querem V V... saber, ainda hoje depois de dizimada e retalhada a quanto monta a cifra da sua população? a 23,277,480 almas, divididas da maneira seguinte:



O general d'Orgoni, principe no imperio dos Birmans.

A Polonia russa tem 15,766,682 almas; a Polonia austriaca 4,813,203 almas; a Polonia prussiana 2,597,564 almas.

Muita graça tinha, se depois de tantos sacrificios, despezas, palavras e protestos, se lia d'aqui a um anno no primeiro Almanak estatístico: «Turquia austriaca 4,749,500 habitantes; Turquia ingleza 11,000,000 habitantes; Turquia prussiana 1,600,000 habitantes; Turquia russiana 12,000,000 habitantes; total da Turquia dividida 35,349,500 habitantes. População total da Turquia, hoje, segundo o Almanak de Gotta, 35,350,000, por consequencia, Imperio turco independente depois da guerra do Oriente, e feita a paz geral! — 500 habitantes!!!

Principiei por este exordio semi-jocosos porque não queria entrar de repente no genero tragico; e verdadeira e bem triste tragedia é esta que vou hoje contar-lhe, e que já na

minha precedente o não fiz por falta de espaço; é o celebre processo Dombey de que ahí já devem ter de ha muito conhecimento, mas de que vou resumir n'um só quadro todas as interessantes particularidades, e empregando por vezes os proprios trechos dos periodicos d'aqui.

A 15 de setembro ultimo, descobriu-se n'uma caixa que foram deixar na embarcadeira do caminho de ferro de Lyão, o cadaver horrivelmente mutilado de Moisés-Isaac Wahl, relojoeiro em Locle (Suissa), que tinha desaparecido, desde o dia 11 do mesmo mez, do quarto que habitava, ha uns 30 dias, na hospedaria de Vieux-Augustins.

Este homem tinha morrido victima de um attentado espantoso. Graças ás promptas investigações da justiça, Dombey (Victor Jeremias, Dombey) e um outro individuo presumido seu cumplice, mas que provou es-

tar innocente foram presos durante a noite que se seguiu á descoberta do crime. Em presença do cadaver da sua victima, Dombey ficou impassivel, negou primeiro toda e qualquer participação no attentado; mas o processo veio demonstrar até á mais completa evidencia que o assassinio tinha sido commettido só por Dombey.

Este homem pertencia a uma familia honrada. Quando se separou d'ella, apenas na idade de 20 annos, para ir exercer o seu officio de relojoeiro, os seus instinctos perversos haviam-se já manifestado a ponto tal que algumas pessoas do seu paiz tinham predito que viria por fim a morrer na forca.

Já para satisfazer ás suas dissipações e á sua vida estragada tinha roubado o seu mestre. Frequentava assiduamente os cafés, os bailes, as mulheres de má nota, e quando o producto dos roubos se esgotou, Dombey lançou-se ás cegas no plano inclinado que o devia levar ao cadafalso.

Quando trabalhava pelo officio havia conhecido o infeliz Wahl; atrahindo-o a sua casa, rua de Petit-Pont n.º 17, sob pretexto de lhe facilitar uma venda importante de relógios, matou-o, dando-lhe na cabeça com uma maça curta de pau que lhe servia de partir o carvão da braseira, e depois de lhe metter na boca muitos pedaços de panno branco para evitar o derramamento de sangue, arrastou-o pelos pés para debaixo do leito, e foi acabar o dia no baile de Closerie des Lilas.

No dia seguinte mettu o cadaver n'uma caixa que foi deixar na estação do caminho de ferro; depois, com o dinheiro que obteve empenhando no Monte de Piedade uma parte dos relógios da sua victima, Dombey continuou a sua vida extravagante, no meio da qual vagos temores vieram contudo assaltal-o. Em a noite de 13 para 14 não pôde dormir; mas esta impressão foi momentanea, porque em todo o tempo que se preparou e discutiu o processo, conservou sempre um sangue frio de admirar.

Em uma carta que escrevia a seu pae, qualificava o seu crime d'uma *má peça*, e d'uma *extravagancia de rapaz* que lhe havia de custar talvez alguns dias de prisão.

Depois do caso de Viou, que tendo assassinado seu mestre o cortou em bocados, e expediu n'uma caixa pelo caminho de ferro de Lyão, não tem havido outro que tanto excitasse a curiosidade publica, e por isso uma multidão immensa assistiu á discussão do processo que terminou pela sentença de morte.

N'essa mesma tarde, Dombey entrando na *Conciergerie*, assignou a sua appellação para o

tribunal superior, e foi immediatamente transferido para a prisão da *Roquette*, ultima habitação dos condemnados a pena ultima.

O tribunal superior rejeitou a appellação; quando se lhe intimou esta nova sentença, Dombey não pareceu muito impressionado; mostrou esperanza que o poder moderador lhe perdoasse, e tratou immediatamente de fazer o seu requerimento n'este sentido; mas desde este momento começou a mostrar o terror que tinha do supplicio.

O veneravel Hugon, capellão de la *Roquette*, procurou com a maior diligencia fazer penetrar na alma do condemnado o arrependimento e os sentimentos religiosos; e pouco tardou que o achasse disposto a receber, e mesmo a procurar, as consolações da religião.

Pouco a pouco, Dombey, aquem até áquelle momento cousa alguma havia commovido, entrou a mostrar o horror que lhe inspirava o seu crime, chegando a ponto de considerar com toda a resignação o castigo que o esperava como uma justa expiação das suas faltas.

Muitas vezes fallou ao reverendo Hugon, na sua familia: «Vou, dizia elle chorando, causar-lhe bastante pezar; a minha pobre mãe morrerá de certo, e se Deus se condoer do meu arrependimento, pedirei por ella na outra vida.»

No dia da execução, ás sete horas da manhã, o reverendo Hugon entrou no quarto de Dombey, que dormia profundamente; o capellão tratou de o acordar para lhe dizer que a sua ultima hora tinha chegado.

— Oh minha pobre mãe! — exclamou elle. Depois sem manifestar mais commoção alguma, seguiu o sacerdote ao oratorio, confessou-se, e foi levado á sala especial onde se revestem os atavios fataes. Dombey deixou com a maior tranquillidade que o preparassem, e agradeceu com voz firme aos empregados da prisão, os cuidados que tinham tido com elle.

Avistando o chefe da policia que acabava d'entrar, estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe: «Lamento não poder provar-vos n'esta vida o meu reconhecimento, mas agora já não é tempo.»

O cadafalso, levantado durante a noite na praça da *Roquette*, estava, desde pela manhã, cercado de uma multidão immensa, contida pelos destacamentos de gendarmeria, e da guarda de Paris, e na qual, como é costume, avultava um grande numero de mulheres.

Davam oito horas quando se abriu a porta da prisão; em seguida appareceu o padecente, que vinha acompanhado pelo padre Hugon, andando com passos firmes, cabe-

ça levantada, e os olhos no céu; chegou assim ao pé do cadafalso. Alli demorou-se um instante para beijar o crucifixo que lhe apresentou o seu confessor, e subiu, sem tremer, a escada fatal, em cuja extremidade o esperava o algóz e os seus ajudantes.

Lançaram mão d'elle, e em poucos instantes a execução estava consummada.

Alguns momentos depois, uma carruagem especial, escoltada pela *gendarmaria*, conduzia ao cemiterio dos Hospícios os restos mortaes do condemnado.

A multidão tinha-se escoado silenciosamente; o cadafalso, rapidamente desarmado, havia desaparecido, e pôde dizer-se que meia hora depois da terrível execução não havia vestígios d'ella.

Depois d'esta tristeza, lá vae uma grande alegria; e bem grande é a de saber que em Gloves, junto de Athenry, na Irlanda, existia ha pouco tempo um homem, por nome Denis-Coorliee, que morreu na idade de 117 annos, e que nós lá podêmos chegar tambem.

Conservou o uso das suas faculdades até aos ultimos momentos da existencia.

Dois dias antes de morrer declarou não ter tido outras dores senão de dentes!! Nas ultimas semanas da sua vida ainda ia de Gloves a Galway, que é uma graça de 20 kilometros, e voltava no mesmo dia.

Lia sem oculos os mais pequenos caracteres. Era mui habil agricultor.

Casou sete vezes, e a ultima na idade de 93 annos, teve este *menino* 48 filhos, 236 netos, 944 bisnetos e 25 trinnetos!!!

Por muitas razões desejava eu viver tantos annos como viveu esta *creança*, e uma d'ellas era para ter esperanças de lá para o fim da minha vida ver os alliados dentro de Sebastopol.

Não cuidem agora V V. que é este o unico velhito que anda cá por este mundo de Christo; por occasião do ultimo recenseamento havia no alto Canadá 14 homens e 19 mulheres de mais de 100 annos. Um capitão Jam, que morreu em Alnwick, tinha 120 annos e a sua mulher 100!

No baixo Canadá havia 40 centenarios, 20 homens e 20 mulheres.

No Canadá occidental, havia de 90 a 100 annos, 112 homens e 96 mulheres, e no Canadá oriental, 198 homens e 209 mulheres; ora talvez V V. não acreditem que em logar de todas estas 209 mulheres de 90 a 100 annos eu antes queria de boa vontade uma só, de 18 a 19.

Muitos meios ha de ganhar a vida *honradamente* cá por este mundo, e um dos mais in-

dustriosos sempre é o de contrabandista, se lhe não dessem quasi sempre nas malhadas.

Passava aqui todos os dias na barreira um carro carregado de aboboras a mais não poder ser; e que excellentes fructos! que bem creados! era mesmo uma consolação.

Primeira, segunda, terceira vez passaram as carradas, mas, ou porque algum desse com a lingua nos dentes, ou porque se desconfiasse da incessante producção de tão formosos fructos, um guarda teve a má idéa de picar com uma faca uma das taes aboboras: um jorro de espirito de vinho lhe veio provar que o tal fructo era mais *succulento* do que convinha ao estado.

Averiguando-se o caso, as aboboras tinham só a casca, e por dentro uma especie de balão ou vaso de borracha, que vinha cheio de espirito de vinho.

Conheço um paiz, e V V. tambem o conhecem de perto, onde para passar o contrabando não é necessario recorrer ás aboboras, pela simples razão de serem aboboras os que o governo emprega ordinariamente para o não deixar entrar.

Querem saber a natureza e valor approximado das joias que adornam a coroa que a rainha Victoria põe na cabeça em dias de solemnidade? é o seguinte: — vinte diamantes em volta do circulo, no valor de 1,500 libras cada um, 30,000 libras; dois diamantes grandes no centro a 2,500 libras cada um, 5,000 libras; cincoenta e quatro diamantes pequenos nos angulos dos primeiros 100 libras; quatro cruces, composta cada uma de 25 diamantes 12,000 libras; quatro diamantes grandes no alto das cruces 4,000 libras; doze diamantes comprehendidos na flor de lys 10,000 libras: dezoito diamantes mais pequenos no centro da flor, 2,000 libras; perolas finas nas cruces, 10,000 libras; cento quarenta e um diamantes pequenos, 5,000 libras; vinte e seis diamantes sobre a cruz superior 300 libras; dois circulos de perolas em roda, 3,000 libras. Valor das pedras preciosas na coroa, sem contar o metal, 111,900 libras; isto é, 503,550,000 réis.

Não obstante eu ter sido muito honesto toda minha vida, declaro francamente que se achasse esta coroa na rua não a ia levar a seu dono.

Já que estamos em assumptos de dinheiro sempre lhe quero dizer que na praça de Stuyvesant em a Nova-York, moram entre outras, treze familias que não possuem ao todo menos de sete mil contos de réis, a mais rica d'estas treze casas (M. Hamilton Fish, senador da Nova York) tem a graça de 2,000,000,000



Mendoh-Men. imperador dos Birmans.

réis, e a mais *pobresinha* de todas (M. Lewis S. Squire) 150,000,000 réis.

Em um jantar de casamento, os diversos membros da família Stuyvesant que se reuniram representavam uma fortuna total de 6,000,000,000 réis.

Lá vae outra execução de pena ultima, ainda com o risco de V.V. dizerem que eu hoje estou na maré das noticias tristes.

No dia 29 do mez passado ás oito horas da manhã, teve lugar em Perpignam a execução de Pedro Cammes, por alcunha, o The-san.

Este senhor que na idade de 45 annos já tinha passado 19 nas prisões e casas de correccão, havia-se introduzido no domicilio de seu cunhado, na aldéa de Fourmigières. Alli, elle só, degolou, a golpes de machado, seu cunhado, a mulher e tres filhos menores, cin-

co victimas ao todo, e depois de ter tirado uma pequena somma que achou n'uns armarios, e mais alguns objectos de valor, deitou fogo á casa e abalou. Mas não lhe foi *ainda assim* possivel destruir de todo as provas de tão horroroso crime; a Providencia vela pelo castigo dos culpados; a 31 de outubro proximo passado, o *jury* dava contra elle um *verdictum* de morte por unanimidade de votos. Rejeitadas as diversas appellações, tratou de se executar a sentença.

Em o sul da França, estas execuções tem logar com todo o apparato, e muito differente do que se pratica em o norte.

Ao romper do dia todo o estrangeiro que entra em Perpignam sabe que o cadafalso está armado.

Ao lado das pontes levadiças está preparado um altar, no qual se vê um crucifixo e

dois castiças com velas de cêra vermelha. Um irmão da Misericórdia bate, continuamente, n'uma grande bacia de cobre, e pede, em catalão, esmola para o pobre sentenciado, esmola que poucas pessoas lhe recusam.

Diante da prisão, a confraria dos penitentes espera a saída do condemnado para o acompanhar ao cadafalso.

Todos trazem aquellas vestimentas tradicionais, grande capuz, cogula, habito preto, e na mão velas vermelhas ou verdes, á sua frente a bandeira negra, e defronte da porta um irmão dignatario conserva a imagem do Santo Christo, coberto de negro, e que não sahe da igreja se não para estas execuções.

Foi no meio d'este cortejo, seguido pela força publica, que Commes, acompanhado pelo digno capellão das prisões, se dirigiu para o lugar do supplicio.

Immediatamente os sinos da freguezia começaram a dobrar.

Ao primeiro lançar d'olhos sobre o condemnado era facil reconhecer que scenas as mais violentas se tinham passado no interior da prisão.

Com effeito, ás duas horas da manhã, o sacerdote tinha ido alli preparal-o para a morte. Commes entrou então n'um accesso de raiva espantoso; durante quatro horas a fio, só proferiu blasfemias e maldições. Ultrajou o sacerdote, renegou a religião, e disse improperios contra a justiça.

Parecia que não havia meio de influir n'esta alma profundamente desmoralisada. Era sempre com palavras de raiva e vingança que elle respondia a cada um em particular e a todos em geral.

Por fim sempre consentiu em se dirigir ao oratorio, mas os seus modos distraídos, e os seus continuos protestos de innocencia, excluam toda a idéa de uma convicção religiosa qualquer.

Foi sempre proclamando-se martyr da justiça que o condemnado fez o caminho da prisão ao cadafalso.

As oito horas em ponto a sentença estava cumprida.

Já que estou n'esta cidade, quero-lhe dar algumas cifras a respeito d'ella, que lhes farão ajuizar claramente da sua grandeza.

Em um anno, Paris consumiu 1,241,062 hectolitros de vinho embarrilado (1); 11,603 ditos engarrafado; 2,297,575 kilogramos de

uvas (2); 51,366,193 kilogramos de carne sahida dos açougues, e 13,876,501 kilogramos vinda de fóra; 4,001,134 kilogramos de carne de porco; 7,874,030 francos (3) de peixe fresco, 1,641,359 francos d'ostras; 14,933,564 francos de caça; 15 milhões de francos de manteiga; 7,157,044 francos, de ovos.

Queimaram-se combustiveis no valor de 8 milhões.

Nasceram em 1853, 34,049 crianças, das quaes, 17,446 do sexo masculino, e 16,603 do sexo feminino.

Morreram, 38,262 individuos, dos quaes, 16,792 do sexo masculino, e 17,470 do sexo feminino.

Houveram na capital 11,574 casamentos.

Um só individuo chegou á idade de 105 annos e 9 mezes.

Em o anno de 1852, nasceram em toda a França, 965,080 crianças.

Morreram 810,695 individuos.

O crescimento total da população foi de 154,385 individuos.

A duração média da vida actualmente em França, é de 36 annos e 7 mezes.

A população total da França, não comprehendendo as colonias e a Algeria, é de 36 milhões.

Acabo de fallar aqui com o general d'Orgoni, que chegou do Birman; aproveito pois esta occasião para lhe mandar o retrato do celebre imperador Mendoh-Men, e o do proprio general d'Orgoni, cuja historia será conveniente espalhar por ahi, muito especialmente entre os militares, pois talvez haja quem lhe queira seguir o exemplo.

O Oriente é ainda o paiz das grandes aventuras, é a terra classica das mil e uma noites, de que a historia do general d'Orgoni parece uma pagina toda inteira; mas com a differença de ser a unica exacta entre todo aquelle tecido de seductoras e curiosas mentiras.

D'Orgoni, na idade de 22 annos, era já capitão de cavallaria, e cavalleiro de duas ordens militares. Um dia acordou com a lembrança de estudar nas proprias localidades, a organização politica e militar d'este immenso colosso que debaixo do nome de companhia das Indias Orientaes, governa 100 milhões d'almas; e com este fim percorreu, durante muitos annos, todo o imperio do Indostão, colhendo informações, dados, e conhecimentos especiaes, que o habilitaram a defender o imperio dos birmans, quando atacado em força

(1) O hectolitro é uma medida de cem litros. O nosso almude tem 16 litros e $\frac{2}{3}$ aproximadamente.

(2) O kilogramo é igual a 2^{arr}. ,0429.

(3) O franco vale 170 réis da nossa moeda.

pelos inglezes, organisando e disciplinando á europea um exercito de 40,000 homens, o que lhe valeu, na idade de 43 annos, o posto de general, e a dignidade de principe do imperio com que volta a França.

Dadas estas explicações, vou copiar o artigo do *Yangon Chronicle*, de 28 de janeiro, que descreve a curiosa cerimonia que teve lugar por occasião do general ser elevado ao grão de parente do imperador.

«No quarto dia de janeiro de 1854, antes da hora do meio dia, o general d'Orgoni, ou antes, como agora se deve chamar, Neh-Myo-ti-hi-Zeh-Ah, se dirigiu ao palacio do principe herdeiro, a quem se apresentou esta vez com todas as formalidades requeridas pela etiqueta. Logo que chegou, e depois dos primeiros cumprimentos de cerimonia, o principe deu signal de partida para o palacio de ouro, foi acompanhado por um cortejo que seguiu na ordem seguinte: immediatamente depois do principe, marcharam os quatro *attavons* ou secretarios de estado, no meio dos quaes estava o general d'Orgoni em grande uniforme. Seguia depois o presidente e os cincoenta conselheiros do *lotto* ou tribunal supremo da justiça. Atraz d'estes vinha uma multidão immensa de cortezãos, secretarios imperiaes de todas as ordens, etc. Quando o cortejo chegou á primeira sala grande do palacio de ouro, o general só com os seus creados e interpretes, teve de esperar um quarto de hora que o imperador o mandasse chamar pelo gran-mestre de ceremonias. Atravessando desde esta sala até á do throno, o general só viu altos funcionarios, e militares cujas espadas de ouro e diamantes brilhavam de uma maneira deslumbrante.

Logo que o general chegou, houve o mais profundo silencio durante cinco minutos; passados elles, o imperador se lhe dirigiu nos termos os mais benevolos, dizendo-lhe que ia ser revestido de um titulo que nunca havia sido conferido a europeu algum. Então um secretario leu em alta voz um decreto em que dizia em substancia os diversos motivos que tinham determinado sua magestade a fazer este despacho, assim como declarava circunstanciadamente as diversas honras e authoridade inherente a este posto. Acabada a leitura, um arauto se dirigiu para o meio da casa, e pronunciou com toda a força dos seus pulmões, as palavras seguintes: d'Orgoni! Neh-Myo-ti-hi-Zeh-Ah: — o que significa na linguagem do paiz: d'Orgoni! primo do imperador, homem de bella apparencia, general da victoria.

Estas palavras do arauto foram repetidas

em córo pelos circunstantes, e foi de sala em sala até á praça do palacio, onde foi repetido por toda a multidão.

Tres cópos de ouro cheios de prata pura, symbolo do poder e das riquezas, foram apresentados ao general, e com isto se terminou a solemnidade.

O imperador Mendoh-men tem hoje 36 annos, uma intelligencia elevada, uma liberalidade verdadeiramente real, um grande espirito de justiça, um genio socegado, maneiras faceis, tendencias religiosas, e uma decidida inclinação para o catholicismo.

Demorei-me mais n'estes particulares, do que devia talvez, mas a razão era ver se desafiava a alguns officiaes de alta patente em a nossa terra a irem para o Birman. D'alguem sei eu que com o barretinho e os trajes do general d'Orgoni havia ficar a matar, e ao menos em quanto por lá se entretinha a ser baptisado em Qebes-hás-bens-pal-las-lás, ou outro nome semelhante, alliviava a verba correspondente de dois orçamentos bastante sobrecarregados em Portugal, o da despeza, e o das..... descrições, por não dizer outra cousa.

Terrivel anno para os maritimos foi o tal de 1854, que felizmente já lá vae ha um mez. Sobre uma existencia media de 30,000 navios que se acham conhecidos e registados, perderam-se, no anno de 1852, 1850 ou mais de 6 por cento; em 1853, 1,610, ou mais de cinco por cento; mas em 1854, 2120 isto é, mais de 7 por cento. As perdas durante este anno foram da maneira seguinte: em janeiro 350, em fevereiro 190, em março 140, em abril 100, em maio 110, em junho 110, em julho 80, em agosto 80, em setembro 100, em outubro 260, em novembro 270, em dezembro 330. — Total 2,120.

De 1845 a 1854 tem havido 6,165 abordagens, isto é, navios que se encontram sem se poderem desviar: estas abordagens, que mais ou menos sempre causam avarias, e cujo augmento é devido á rapidez dos movimentos e ao maior numero de navios, causaram 603 perdas totaes, classificadas da maneira seguinte: vapores contra vapores 15, vapores contra navios de vela 19, navios de vela contra vapores 61, navios de vela conhecidos e especificados entre si 342, não especificados 135. — Abordagens duplas 31. — Total 603.

No anno de 1853 houveram 55 navios incendiados, e no de 1854, 75.

A combustão espontanea das carregações de carvão é a causa predominante dos incendios a bordo.

Em 1854 perderam-se 95 vapores, dos quaes 12 francezes, 38 inglezes, 31 americanos e 14 de diversas nações.

No anno de 1853, todas as marinhas reunidas não tinham perdido mais do que 38 vapores, dos quaes um só era francez.

À vista d'este quadro, aliás bem lastimoso, parece-me desnecessario aconselhar a VV... que lá embarcar, nem para a outra banda, e muito menos em dia de S. João.

Querem VV... saber quanto renderam aqui n'um mez os theatros? Os de primeira ordem, que recebem subsidio do estado, a bagatella de 80,084,600 réis. — Os de 2.^a, 125,856,200 réis. — Os concertos, os bailes, e a musica nos cafés, 14,741,700 réis. — Diversas curiosidades, 1,469,800 réis. — Total do producto dos espectaculos n'um mez — 222,152,300 réis.

No anno findo de 1854 deram-se em Paris 18 operas novas, 17 comedias, 2 bailes, 24 dramas, uma tragedia, 193 *vaudevilles*, e outras peças ligeiras.

Lá vão dois casos, ambos verdadeiros, e que tanto horror causa um, quanto prazer causa o outro.

André Hallinguer é um monstro com forma humana, que acabava ainda outro dia de passar cinco annos na casa de correcção de Ensesheim, pela tentativa de um dos crimes, que mais repugna á humanidade, a violação e estupro de uma innocente criança de dois annos; o crime não chegou a commetter-se, e os juizes esperaram que cinco annos de detenção modificassem a natureza depravada d'este individuo; vejâmos a emenda. — Dois dias apenas depois de ter saído da prisão, Hallinguer encontrou n'um sitio um pouco desviado da estrada, não já uma innocente de dois annos, mas uma bella camponeza de 19 annos, forte e robusta, e com essas proporções provocadoras, que tanto excitam as organizações libidinosas. Hallinguer dirigiu-se como um raio contra a sua presa. A camponeza resistiu, e procurou ao principio des- embarçar-se do que ella julgava apenas um importuno: a resistencia incendiou ao malvado todo o furor dos desejos. Procurando obstar aos gritos da sua victima, fazia ao mesmo tempo esforços inauditos para a vencer; a lucta accendendo-lhe os desejos cada vez mais, mas ao mesmo tempo provando-lhe, que era quasi impossivel satisfazer os seus perversos intentos, o monstro com uma depravação que excede todo o horror, tractou de os cumprir de outra maneira: levou de um punhal que trazia escondido, e cravou-o no peito da pobre rapariga com tal furia, que immediatamente ella caíu, mas tinha ainda algumas forças, e por-

curava assim mesmo resistir, chamando por soccorro; um segundo golpe a fez calar, e tão profundo foi elle, que a infeliz entrou desde logo nas agonias da morte; é o que esperava aquelle malvado para então cumprir á sua vontade o seu deshonesto proposito, de que nem assim mesmo desistiu; a scena, que em seguida teve logar, não é de fazer corar um homem, é para fazer corar toda a especie humana; o monstro principiou a saborear todas as delicias do amor, em quanto a mulher, de que elle assim abusava, estava agonisando, e nem o estertor da morte, nem o horror d'esse arrancar do ultimo suspiro, foi sufficiente para o desviar do seu fim; o crime começado com a mulher agonisante, foi repetido uma e mais vezes no proprio cadaver, e apenas quando o acaso trouxe áquelles sitios uns moradores do logar ou aldéa visinha, é que o malvado procurou fugir, deixando na historia dos crimes, se não uma pagina nova, ao menos uma d'aquellas que mais repugna á sociedade.

O réo convencido de todos estes crimes foi condemnado a pena de morte, de que appellou, mas a que ha 99 e tres quartos de probabilidade de que não escape.

Depois do horror, ahi vae uma pequena historia sentimental, que é igualmente verdadeira; e desde já previno a VV... que os factos que narro nas minhas cartas não são *romances*, mas sim factos realmente succedidos, e cifras todas exactas e officiaes, porque lá para mentiras bastam as noticias do Oriente, e já não é muito pouco.

No caminho de ferro de Dion a Dax, Madame F... seguia viagem com sua filha a menina L..., de idade de 3 annos. A menina como criança chegou ao postigo da carruagem, debruçou-se, e faltando-lhe os pésinhos caíu da carruagem para a rua; aos gritos de Madame F... os passageiros quizeram fazer parar o comboio, mas nem o conductor ouvia, nem a rapidez dava logar a haver esperanças de salvar a pobre criancinha.

Chegaram á estação em Dax, o marido de Madame F... esperava ahi sua mulher e sua filha; qual seria a sua afflicção vendo chegar só esta ultima, que lavada em lagrimas, e quasi morta, se lhe deitou nos braços.

O telegrapho electrico fez logo signal para que o trem que se seguia parasse em Rion, e uma locomotiva de soccorro partiu immediatamente á procura da menina. A pobre innocente, cançada de chorar, tinha adormecido com a cabecinha encostada sobre o *rail* do caminho de ferro, onde a roda do primeiro comboio a iria esmigalhar em pou-

cos instantes; recolhida immediatamente pela locomotiva, façam idéa que satisfação seria a d'aquelles paes, quando viram o conductor entregar-lhe sua filha sã e salva, que logo que viu a mãe entrou a bater as palminhas, e a dizer que *tinha fome*. Só a alma de um pae poderá ajuizar d'estas sensações!

Para que estão V V... sempre em Lisboa a fazer *Revistas* e mais *Revistas*, que é o peor de todos os negocios; saíam d'ahi, se querem fazer alguma fortuna com geito; vão até ao districto de Chanocillo, na republica do Chili, aonde ainda outro dia uns rachadores de lenha andavam a arrancar umas cêpas, vae senão quando, dão com a enchada n'uma cousa que lhe pareceu pedra, arredam a terra, e que hão de achar, um veio de prata pura! Continuam a procurar e descobrem... mais tres veios de igual natureza.

Cuidam agora que ficou alguém na cidade? Pois não! pareciam carreiros de formiga a irem encher os seus taleigos, de maneira que estou convencido, que os taes rachadores é os que ficaram com menos porção.

Estas minas ficam a 9 leguas apenas do caminho de ferro de Coppiapo, o que lhe dá um merecimento muito maior. Onde os de Chanocillo acharam a *mina*, fico eu e V V... sabendo agora onde a achou o seu abençoado ministro Fontes para ir pagando todos os mezes, isso é que nem eu, nem V V... sabem, mas lá que a achou isso não ha duvida.

É curiosa a seguinte noticia dos roubos perpetrados em Dresde por um só empregado subalterno dos caminhos de ferro.

Tinha este senhor, quando foi prêso, commettido a pequena graça de 761 roubos diferentes, classificados da maneira seguinte: broches, 12; alfinetes de peito, 20; relogios, 30; charuteiras, 18; joias falsas, 14; *portemonnaies*, 6; sacos de viagem, 3; boslas, 12; escovas 15; caixas pequenas, 15; objectos diversos, 54; artigos de perfumeria, 33; peças de vestuario, 232; objectos de *toilette*, 192; peças de roupa branca, cortinas, etc., 81. — Note-se que tudo isto se encontrou em casa do tal sujeitinho.

Olha se os empregados subalternos dos caminhos de ferro n'essa cidade de Lisboa seguem o exemplo... dos seus superiores, não, que são muito honrados, mas do seu camarada de Dresde, quem escapará com caixa ou charuteira lá para o anno de 1899, epocha provavel da abertura dos taes caminhos?

Andam por ahi sempre a fallar na Russia,

e talvez V V... não façam uma idéa do que é aquella menina só no genero linguas; pois, senhores, a sociedade biblica querendo pagar n'aquelle paiz os livros sagrados, teve de os mandar traduzir nos seguintes idiomas: slavonio, russo, hebreu, grego antigo, grego moderno, allemão, francez, polaco, finlandez, esthonio (do dialecto de Dorpat), esthonio (do dialecto de Revel), lithuanio, georgiano, armenio, samoyetiano, carelio, tchermessiano, mordowio, ossetiniano, moldavio, bulgaro, zerenio, persa, kalmuko, mongol, turco-tartaro, tartaro, tartaro do dialecto d'Orenbourgo, e tartaro-hebreu.

Ora mettam-se lá com um paiz, que falla todas estas linguasinhas!!!

Por esta occasião dir-lhe-hei que ha conhecidas e classificadas, 3,064 linguagens diferentes, que são da maneira seguinte:

Na Azia 637 (linguas e dialectos).

Na Europa, 587.

Na Africa 576.

Na America 1,265. — Total, 3,064.

Finalmente appareceu o anti-christo, e o mais é, que em lugar de um nasceram tres; mas felizmente são anti-christas, e ao menos as mulheres por seu gôsto nunca concorrem para se acabar o mundo.

E o caso; — a mulher do cultivador Jacques Pensart, em o municipio de Hallex-Boyenhove (Barbante) na idade de 60 annos, deu á luz tres meninas, todas tres de um só parto! Felizes velhas se a moda pega, e a Inglaterra o sabe; para continuar a guerra com a Russia, o Palmerstron terá o mais feliz de todos os expedientes, mande ordem para casar quantas velhas houver no reino unido, ellas não dizem que não, e d'aqui a 18 annos por cada velha que ha hoje, tem tres soldados para mandar para o Oriente.

Portugal pôde seguir o mesmo expediente para recrutar o seu exercito, porque entretanto acaba de se discutir nas côrtes a lei do recrutamento, e por fim de contas, vem a concluir-se, que a melhor cousa que ha n'este mundo, é ser velha de 70 annos, felicidade que assim mesmo não invejo a V V..., e só sim ás minhas lindas leitoras; mas d'aqui a 50 ou 55 annos, já se sabe, e que entretanto Deus as livre de um dos grandes flagellos d'este mundo, que é lerem as cartas escriptas de Paris por quem quer ter graça; mas que infelizmente nenhuma tem.

V. da M. e B.

MODAS.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO.

1.^a FIGURA — *Toilette de baile.*

VESTIDO de *moiré* com riscas largas brancas e verdes. Nas riscas brancas estão bordados a matiz ramalhetes de flôres de um viço e graça toda particular. A saia do vestido abre para os lados, para deixar vêr uma outra saia branca toda bordada a matiz, com flôres e ornatos, e uma bella ave do paraíso quasi no extremo.

Presilhas de perolas seguram de espaço a espaço, uma rica guarnição de renda de França, que contorna a parte do vestido que abre sobre a saia de baixo.

Corpo do vestido com abas, abrindo-se no peito sobre uma peça de seda branca, bordada como a saia do vestido. O decote do vestido e as extremidades das abas são guarnecidas de renda.

As mangas terminam no cotovello e tem dois fôlhos.

Os enfeites da cabeça são plumas brancas e blonde. Leque á Watteau. Luvas brancas.

2.^a FIGURA. — *Toilette de visita.*

Vestido de tafetá côr de castanha com largas riscas de veludo; o corpo do vestido afogado, com abas, guarnecido com uma franja, e enfeitado com requife posto em quadradinhos.

Mangas *chatas*, justas em cima e muito largas em baixo, com quatro ordens de franjas sobrepostas umas ás outras.

Capinha (*pardessus*) de veludo preto, forrada e guarnecida por fóra de pennas azues.

Regallo de pennas azues mosqueadas de preto, da mesma qualidade e em analogia com a guarnição do *pardessus*.

Collarete á Luiz 13.^o, bordado a ponto de

agulha; fôlho das mangas á Anna d'Austria, bordado ao mesmo ponto.

Chapéu de veludo pardo com a aba azul e preta; plumas azues e pretas, postas com toda a elegancia.

Botinhas de courinho côr de ouro.

SEXTA CARTA.

A viscondessa Ernestina de Saint-Phall, á condessa de L*.**

Paris 15 de Fevereiro de 1855.

DECIDIDAMENTE, minha querida L***, vou partir para os Estados-Unidos: é o primeiro paiz do mundo; estou entusiasmada pela sua organização social; alli sim, faz-se ampla e plena justiça a todos, e a tudo.

Ah! os senhores cavalheiros cuidavam que haviam de abusar sempre impunemente da nossa credulidade, que podiam sacrificar o futuro, a felicidade, a honra de uma pobre mulher a um simples capricho de phantasia, e que não era mais do que escrever bilhetinhos amorosos, versos sentimentaes, fazer promessas e juras que pareciam sair do fundo da alma, e depois, ficarem-se a rir do mal que causavam?... Pois o desgraçado que morrendo de fome rouba aqui a uma d'essas esquinas uma peça de cinco francos, vae para as galés, e fica marcado com o ferrete da infamia, e o que rouba ou pertende roubar a uma desgraçada mulher mais do que o dinheiro, mais do que a vida, que é a honra, ha de andar passeando muito contente a fazer alarde dos seus triumphos, e a apregoar as suas conquistas? Isso bom era, mas felizmente promete ter um termo: dir-me-has

talvez que a reacção começa tarde, mas ao menos começa, e já não é tão pouco.

Trago isto a proposito do seguinte curioso processo que ha pouco tempo teve logar na cidade de Oldtown, segundo contam os periodicos d'aqui.

Miss Elisabeth Green é uma linda e encantadora menina de 18 annos, pobre de bens da fortuna, mas rica de prendas e virtudes; M. Wolf é um semi-janota (como lhe chamam em Lisboa), e não é janota completo porque tem duas qualidades que faltam sempre aos outros; — algum dinheiro, e algum juizo. — Miss Elisabeth accusa perante os tribunaes a M. Wolf e pede-lhe 10,000 dollars (9,200,000 réis) de perdas e damnos, por não ter cumprido a promessa que lhe fez de casamento.

M. de Wolf defendeu, elle proprio, a sua causa, com todo o calor que lhe dava o receio da multa, e com todo o talento que a natureza lhe confiou; o tribunal estava quasi inclinado a seu favor: mas um unico argumento de Miss Green bastou para fazer mudar decidida e immediatamente a questão em seu favor; — *apresentou alguns pedacos de poesia sentimental que o réo lhe havia dirigido.* — O jury, indignado por uma tal deslealdade, concedeu logo á auctora uma indemnisação de 1,625 dollars, (1,495,000 réis) que o réo lhe devia pagar, fóra as competentes custas. — Bem feito, digo eu. — Pois que, meus cavalheiros, não é mais do que prometter a umas, que em sendo alferes, a outras, primeiros addidos; a umas que em sendo capitães, a outras deputados, juizes, pares, ministros, etc. etc.; mas em todo o caso que *os fins são licitos*, e que vão esperando; e depois de esperarem, um, dois, tres, vinte annos ás vezes, toca a mudar de rumo que era brincadeira; pois paguem, e o tal sr. Wolf fique ahi exposto no pelourinho da nossa imprensa feminina para servir de exemplo a uma das mais terriveis classes de namoradores que eu conheço n'este mundo que é a dos taes que querem namorar em verso, e verso que a maior parte das vezes nem a prosa chega.

Acabo de chegar dos Campos Elysios, é o mais bello passeio do mundo; é um dos mais lindos espectaculos que na vida se pôde gozar.

Imagina um passeio, cuja superficie é de 246,612 metros quadrados; como sabes, o metro regula por quatro palmos e meio da nossa medida; — já vês que não é nem podia ser fechado, e propriamente um campo, onde o luxo vae desenvolver todo o seu po-

der fascinador, onde o tilbury ligeiro e rapido se cruza com o elegante *coupé*; o caleche passa ao lado da carroagem.

Vêem-se em grupos destacados todos os trajas desde a *blusa* do operario, até o fraque aristocratico do embaixador inglez; desde a simples touca da *grisette* até aos mais elegantes *capotes* d'Alexandrina, e aos vestidos inimitaveis da Peytel.

Ali ha todos os espectaculos desde o tablado do histrião até um dos primeiros theatros de Paris.

Ali é o *rendez-vous* de todos os estrangeiros. Conversa-se, ri-se, faz-se espirito. Admira-se a formosura, applaude-se o talento. A vida apura-se; a sorte da humanidade parece mais bella. O mundo julga-se todo composto de felizes. — Campos Elysios, quem te não viu n'uma das bellas manhãs de inverno, quem te não gozou n'uma das noites de estio, não sabe o que é a vida, não sabe o que é o mundo, não sabe o que é a felicidade.

Vindo pois d'este lindo passeio, podes fazer idéa quanto me acharei em dia com as modas.

Antes porém d'isso, uma explicação e um conselho. — O que pretendemos nós, o que devemos pretender; não é porventura o agradar? Deverá usar-se a moda que nos torne ridiculas; deveremos porventura destruir por uma phantasia da nossa modista a impressão agradável, que poderíamos causar pelo effeito dos simples dotes da natureza? Porque as flôres são moda havemos transformar a cabeça n'um jardim? Porque se usam as berthas havemos trazer nos vestidos a loja de um capellista? Quasi todas as elegantes n'essa cidade consultam simplesmente na escolha das suas *toilettes* o gosto da modista, e não o seu proprio espelho; por isso mais de uma vez se encontra uma disparidade tal entre a physiognomia e o traje, que é... de todo o mundo se pôr a rir, que não ha nada peor.

Não tens visto muitas vezes trigueiras vestidas de amarello? Pelles claras, marmoreas, assetinadas, perderem toda a sua provocadora influencia quando circundadas por côres carregadas e saltantes, que lhe offuscam todo o brillantismo?

Em apoio do que te digo, citar-te-hei os primeiros bailes d'ahi, de que já tive noticia. — Não viste aquellas duas meninas tão elegantes, tão seductoras, e tão vantajosamente conhecidas na alta sociedade de Lisboa, irem ao primeiro baile da côrte não com flores na cabeça, mas com uma *cabeça de flores*? A vista destacava logo para aquelles jardins ambu-

lantes, a que só faltavam algumas borboletas postíças; pareciam as novas deusas Floras, que desciam a passear entre os mortaes; mas... a mythologia não está em moda, e a primeira impressão era a do sorriso, só a segunda era a da admiração.

Depois do excesso da moda, as analogias das *toilettes* com as edades.

Verias no mesmo baile uma das nossas elegantes, que por ter passado a primeira idade da juventude, nem por isso deixa de ser um dos bellos ornamentos da alta sociedade lisbonense, destruir pelo máu effeito do seu modo de vestir, a agradável sensação que quasi sempre causa nos seus admiradores; pois que, uma senhora de mais de 30 annos póde nunca vestir-se como uma de 15? Pois que, os tecidos finos, ligeiros, vaporosos, que tão bem vão a essas edades mysteriosas, em que a vida é uma flor por desabrochar, em que o futuro é todo duvidas e problemas, podem nunca envolver a mulher em todo o seu desenvolvimento physico, em toda a plenitude de seus dons naturaes?

Se olhando para a *toilette* esperarmos um rosto de 15 annos, e encontrâmos um de 30, parece-nos mal por muito perfeito que elle seja ainda.

As fôrmas já desenvolvidas não se devem conter por prisões tão ligeiras, que pareçam não poder contê-las. A *mulher* de 30 annos, que em muitos casos vence em encantos a *criança* de 15, é necessario principiar por se não querer vestir como ella.

Saber-se vestir é uma das grandes difficuldades, e ás vezes o unico segredo que faz brilhar certas elegantes, que são exactamente como as melhores vistas dos nossos theatros, olhadas de longe, e á noite, são jardins, palacios, perspectivas seductoras, vistas de dia e ao perto, são..... um pouco de papelão pintado de rôxo-terra. E deixe-me-nos de mais reflexões, para entrar francamente no assumpto modas. Não te poderá chegar esta carta ás mãos antes dos bailes, será pois a historia da *moda que foi*, e não da *moda que ha de ser*.

O vestido, em *genero*, o verdadeiro vestido de baile caracterizou-se este anno por duas saias ornadas com largas rendas de França, e prescreveu inteiramente o vestido de fôlhos, que passou ao genero *rococó*, e não sei mesmo se *bourgeois*. O *moiré* chamado antigo, e o veludo, foram aqui as fazendas de preferencia, para o que chamam por cá *les grandes dames*; os *enfants*, as crianças de 14 e 15, e até mesmo 18 annos, trouxeram os novos côrtes transparentes de *Alexon*, as *bareges* listradas, e as

ondulinas. É linda esta ultima fazenda, que parece criada pela imaginação mais artistica, e de mais gôsto dos nossos fabricantes.

Imagina todo o brilho da seda, todo o ondedado do veludo com toda a transparencia, todo o mimoso, todo o aerio da *barege*, e eis-ahi a *ondulina*. É cara, carissima, diriam em Lisboa quando lhe pedissem 60,00 réis por um côrte de vestido; mas lá não estão acostumados ás despezas que em Paris se fazem para apparecer no mundo, e quando custa aspirar e possuir um logar distincto entre as nossas elegantes.

Queres saber quanto custou á mulher do presidente T*** o seu lenço d'assoar, que levou a um dos bailes da princeza Mathilde? 110,000 réis. O grande armazem, chamado = a Sublime Porta = tinha ainda mais dois lenços do mesmo genero para vender. O primeiro todo bordado a ponto d'Inglaterra, custava 70,000 réis. O segundo, feito de *valenciennes*, mas de *valenciennes* fiada de proposito, e feito de uma só vez, isto é um milagre artistico, que parece impossivel haver-se executado, custava 80,000 réis, e por fim de contas, visto á noite parecia um lenço d'assoar como outro qualquer.

Ora quem dá 110,000 réis por um lenço, póde achar caro um vestido de 60,000 réis? Ahi os maridos e os paes, se uma pobre mulher lhe pede tres ou quatro moedas para um côrte de vestido, fazem um alarido, gritam que estão perdidos, e levam seis mezes a cumprir a exigencia, dizendo sempre que as modas são caras. Aqui um marido dá 110,000 réis por um lenço d'assoar, que principia por não servir para assoar, e ainda em cima levanta as mãos aos Ceos por ter casado, o que não fazem muitos por ahi dos taes, que regateiam as tres moedas até aos ultimos cinco réis. E vão-se lá casar em similhante terra.

Antes que me esqueça, e a proposito de preços, dá a noticia á peor classe de maridos que eu conheço, que são os taes somitegos, que se animem e alegrem, que em breve vão a ter uma redução espantosa no preço da maior parte dos nossos aderesses e enfeites. Mr. Houldsworth já tinha inventado, e agora acaba de aperfeçoar uma machina de bordar, que dá 40,000 pontos por hora! Parece que o preço ha de diminuir na mesma proporção, e que esses senhores não terão tanta occasião para se affligirem!

Ha uma novidade importante nos chapéus, hoje são feitos sem arame, elastico, ou qualidade alguma de armação. É um chapéu, e ao mesmo tempo não é chapéu; só vendo-os se póde ajuisar quanto revelam pela sua fôr-

ma uma mulher, que sabe vestir, o que é, como já te disse, um dos grandes segredos. Os chapéus de veludo continuam muito em moda; combinam-se ordinariamente no mesmo chapéu o veludo branco à imperatriz com o veludo côr de violeta, o que faz a mais agradável harmonia. A extremidade da aba d'estes chapéus é guarnecida de blonde e fitas côr de lilás. De um lado vêem-se tres pequenas plumas torcidas, e caindo ao longo da aba; do outro dois lacinhos de fitas brancas com riscas côr de lilás. O folho da copa (*bavolet*) é de blonde branco e veludo.

Usa-se tambem muito um chapéu de tafetá côr de palha com plumas da mesma côr. No interior enfeites de veludo côr de romã, mas muito desvanecida.

Ha tambem uns chapéus de veludo mosqueado de côr de rosa, com tres folhos de blonde na copa. Tres folhos?... Pois não são muitos, estes chapéus assim tem um cunho particular, que os deixa distinguir á primeira vista.

As mangas! As mangas são os *cabrions* das modistas, varial-as, tornal-as novas, é quasi um impossivel; voltar para as antigas é de um mau gôsto; n'este genero tudo está gastado, tudo está conhecido. No entanto, as que hoje se vêem mais, são justas em cima, e alargando successivamente até ao punho; mas n'este artigo é ainda o capricho e o gôsto, que podem imperar.

As abas no vestido são a moda eterna por excellencia, continuam, continuam e continuam.

Não quero terminar sem te pôr ao facto de duas innovações do ultimo apuro da moda. É a primeira as novas *sorties de bal* (capas pa-

ra as saídas dos bailes), feitas de cachemira preta, tendo bordadas as armas de Abd-ul-Medjid, e varios caracteres do Coran. Esta bordadura, feita a seda de côres e ouro fino, são perfeitamente sobre a cachemira preta. O fôrro é de seda côr de pulga.

É a segunda os mantôs à mosqueteira, que captivam pelo gôsto original e novidade que apresentam. Estes mantôs são de veludo preto: tem duas mangas, a primeira justa, e a segunda muito larga, aberta e quadrada. Este mantô ajusta-se ao corpo por meio de um cinto de *caoutchouc*, que permite apertal-o á vontade.

Na cabeça continuam a usar-se as flôres, e apparecem ultimamente as plumas.

Ha aqui alguns enfeites de plumas, tão lindos e perfeitos no seu genero, que elles sós bastariam para tornar uma senhora interessante.

A exposição approxima-se; para essa occasião as nossas modistas apuram as suas mais bellas invenções; as fabricas trabalham a capricho, e em pouco, novos estofos vão deslumbrar a vista dos curiosos visitantes do palacio de industria.

Dar-te-hei conta das novidades que apparecerem, sentindo apenas não estares aqui ao meu lado para as contemplarmos juntas; mas tu estás ahi tão bem..... tão bem....., que não terás saudade do palacio da industria, o que não admiro, porque, quando tenho passado por essas crises, não tenho saudades.... nem mesmo de ti; e mais sou, como sabes, toda tua.

SAINT-PHALL.

